

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAFFAELLE ALONSO PEREIRA

AVENTURAS LITERÁRIAS: UM PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA DE
LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL

RIO DE JANEIRO

2016

PEREIRA, Raffaella Alonso.

AVENTURAS LITERÁRIAS: UM PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA DE
LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Diego Vargas

RIO DE JANEIRO

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Aliomar e Mônica, por sempre me apoiarem. Por serem meus maiores incentivadores, sem vocês eu não seria quem sou hoje. Obrigada por dedicarem tanto trabalho e amor a mim. Todas as minhas conquistas só são possíveis graças a vocês.

À minha irmã, Karinne, por me incentivar a escrever este trabalho, e todos os trabalhos que escrevi durante todo o decorrer do curso.

Ao meu melhor amigo e amor, Chayann, por estar sempre presente, ouvir minhas reclamações, secar minhas lágrimas e acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível graças à contribuição e incentivos de pessoas queridas durante toda minha caminhada acadêmica.

Aos alunos da turma no quinto ano do ensino fundamental, que me receberam tão bem e realmente se entregaram ao projeto e a ao Colégio N.A.B.E., por me permitir entrar no seu espaço e me proporcionarem liberdade para realizar um trabalho diferente.

As minhas queridas amigas e parceiras de trabalhos, que me acompanharam e apoiaram durante esses quatro anos e meio de faculdade, Lucimar Vieira e Mariana Rodrigues.

A professora Tânia Mara, *in memoria*, por me estimular a escrever sobre o que eu tenho paixão e por trazer atividades diferentes, informais e inspiradoras para dentro da sala de aula.

Ao meu professor e orientador, Diego Vargas, por durante suas aulas de Literatura na Escola me fazer lembrar minha trajetória literária e pensar sobre o papel da leitura dentro da sala de aula.

E a meu pai e a minha mãe, obrigada por serem os melhores pais do mundo.

“(...) poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho ao seu coração. As primeiras imagens, o eco dessas palavras que pensamos ter deixado para trás, nos acompanham por toda a vida e esculpem um palácio em nossa memória ao qual mais cedo ou mais tarde - não importa os livros que leiamos, os mundos que descobramos, o quanto aprendemos ou nos esquecemos - iremos retornar.”

Carlos Ruiz Zafón, em *A Sombra do Vento*.

PEREIRA, Raffaele Alonso. AVENTURAS LITERÁRIAS: UM PROJETO DE INCENTIVO A LEITURA DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Este trabalho descreve e analisa o desenvolvimento e os resultados um projeto de incentivo à leitura de literatura infanto-juvenil no ensino fundamental dentro do espaço escolar, explorando as distintas interpretações, reações e ideias apresentadas pelos alunos participantes. O objetivo desta pesquisa é apresentar o empoderamento dos educandos dentro do ambiente da sala de aula quando lhes é oferecida a oportunidade de realizar escolhas sobre o que será trabalhado no campo de ensino de literatura. Para auxiliar na construção teórica deste trabalho, apresenta-se um breve referencial histórico sobre o surgimento do gênero literário infanto-juvenil e sua história. Além disso, baseando-se em diferentes autores sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras, este trabalho parte do pressuposto de que é necessária uma mudança na forma de ensinar literatura e que as opiniões dos alunos devem ser levadas em consideração na escolha dos textos trabalhados. A pesquisa foi realizada nos princípios da pesquisa-ação, pois esta metodologia valoriza as ações dos participantes, e sua espontaneidade permite que a pesquisa tome rumos diferentes daqueles esperados previamente. Através desta experiência, pude comprovar que os alunos possuem autonomia para fazer escolhas, desenvolver e explorar seu pensamento crítico e formar suas próprias interpretações sobre os textos trabalhados em sala, e que essas interpretações, por sua vez, são influenciadas pelas vivências pessoais de cada aluno.

Palavras-chave: ensino fundamental, literatura infanto-juvenil, pesquisa-ação.

PEREIRA, Raffaella Alonso. LITERATURE ADVENTURES: A PROJECT ENCOURAGING YOUTH LITERATURE IN ELEMENTARY SCHOOLS

ABSTRACT

This text discuss a project encouraging elementary school students to the youth literature reading activity inside the classrooms, exploring their interpretations, reactions and ideas. The main goal of this paper is to present the students' social development inside the classroom, when they have the oportunity to make choices and share opinions about the subject they are studying in the literature teaching field. For the theoretical groundwork of this paper, is introduced a timeline showing the historical appearance of youth literature. Based on many authors researches on the literature teaching in Brazilian schools, this paper assumes that we not only need to change the way literature is taught, but also realize that students' opinions must be taken into account while choosing the texts and subjects. The research was based on the research-action principles. This methodology values the participants' actions, and it's spontaneity allows the research to take a different path from the one expected. From this experience, i was able to testify the students' independence while making choices, developing and exploring their critical thinking and making up their own interpretations, which are induced by their own personal life experience.

Keywords: elementary school, youth literature, research-action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
OBJETIVOS.....	13
JUSTIFICATIVA.....	13
CAPÍTULO 1: INSPIRAÇÕES PARA O PROJETO.....	17
1.1 – INSPIRAÇÕES TEÓRICAS.....	17
1.1.1 - A literatura infanto-juvenil na contemporaneidade.....	18
1.1.2 - A relação literatura-escola.....	21
1.2 – INSPIRAÇÕES DA/NA ESCOLA.....	24
1.3 – INSPIRAÇÕES DA/NA UNIVERSIDADE.....	26
CAPÍTULO 2: DESENVOLVENDO A PESQUISA-AÇÃO.....	28
2.1 – METODOLOGIA: PESQUISA-AÇÃO.....	28
2.2 – PRINCÍPIO DA DEMOCRACIA EM SALA DE AULA E SUA INFLUÊNCIA NESTA PESQUISA-AÇÃO.....	30
2.3 – APRESENTANDO O PROJETO À ESCOLA.....	31
CAPÍTULO 3: “AVENTURAS LITERÁRIAS”.....	34
3.1 – CONHECENDO A TURMA.....	34
3.1.1 – O caminhar do projeto.....	40
3.2 – UM MOMENTO: O ESPELHO DE OJESED.....	44
3.3 – “O QUE ACHOU DO PROJETO?”.....	48
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXOS.....	58

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Perguntas da entrevista.

Anexo 2 – Carta de conclusão do projeto elaborada pelo Colégio N.A.B.E.

INTRODUÇÃO

Durante toda minha trajetória escolar, nunca me foi perguntado qual livro eu gostaria de ler. Todos os livros lidos sempre me foram impostos, não ocorria um diálogo sobre a escolha do livro ou um debate após sua leitura, sua estória tornava-se conteúdo de prova. Sempre li, por receio de tirar uma nota baixa, não era por curiosidade, era uma obrigação.

No ensino fundamental não tive aula de literatura, os livros extraclases eram trabalhados nas disciplinas de Português e História. Como disse, não havia o poder de escolha, todos os títulos eram impostos. Em História, líamos sobre as cruzadas, a colonização, etc., os livros sempre eram relacionados aos conteúdos do bimestre. Os de português eram mais interessantes, tinham temas como o uso de drogas, relacionamentos, esportes. Porém, a maior parte da turma lia apenas para realizar os trabalhos. Os próprios livros já vinham com um questionário sobre diferentes pontos da trama. Não eram histórias que estimulassem o pensamento livre, apenas transmitiam mensagens diretas. Não seguiam a ideia de que

A etapa do imagismo ocupa uma pequena faixa de tempo na vida da criança, quando a lógica característica da criança é substituída naturalmente pela lógica própria do adulto. Sendo assim, o didatismo moralizante da literatura infantil, que apresenta geralmente nas escolas, do qual tende a antecipar a lógica do adulto, predispõem destruir a capacidade mítica, queimando, de certa forma, etapas de desenvolvimento interior da criança (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.27).

Já no ensino médio, a maioria dos alunos não lia os livros, buscavam resumos na internet e os decoravam para poderem realizar as provas. Não havia um interesse, pela maioria da turma, de conhecer uma história nova, pois a única preocupação era a prova.

No entanto, isso não diminuía minha vontade de ler, aumentava minha curiosidade de ler temáticas diferentes. Assim, os livros trabalhados dentro da escola foram importantes, pois despertaram a curiosidade de conhecer outras obras dos autores das obras cobradas nas provas. Às vezes, o livro solicitado não me agradava, mas a professora apresentava outras obras do autor. Isso despertava, em mim, uma dúvida: “Será que todos os livros eram iguais?”, o que me instigava a buscar diferentes títulos, pois precisava conhecer mais sobre as outras histórias.

Outro incentivo para o desenvolvimento do meu gosto pela leitura foram as adaptações de livros para o cinema. O filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal” foi um impulsionador para que eu buscasse um livro por vontade própria, pois eu tinha a curiosidade de saber como aquele universo poderia ser muito maior.

Eu levava o livro para a escola, para ler na hora do recreio, lembro dos meus colegas de classe fazerem perguntas sobre o livro, sobre o quanto era diferente do filme. Ao terminar o primeiro quis imediatamente ler o seguinte, descobrir quais novas aventuras aqueles personagens iriam realizar, e foi assim até o lançamento do sétimo livro. Comecei a ler a saga Harry Potter aos 09 anos e terminei aos 15 anos. Isso me fez amar livros sobre universos maravilhosos¹ o que dura até hoje e acredito que continuará por muito tempo, me fazendo buscar novos livros.

Rememorar como os livros, principalmente aqueles que retratam universos mágicos e que fogem de tramas previsíveis, marcaram toda minha trajetória literária me fez refletir e me questionar sobre como eles poderiam ser trabalhados dentro da sala de aula, de forma a fazer com que os estudantes possam se interessar por essa literatura voltada, especialmente, para eles.

Neste sentido, é importante considerar a definição de Fleck (2007) para o que é leitura literária:

Conhecimento e compreensão do passado que leva à análise, ao entendimento e à confrontação do presente, que, por sua vez, induz o indivíduo a posicionar-se e, conseqüentemente, buscar mudanças. Tais mudanças, necessariamente, implicarão em transformações em seu futuro. A culminância deste processo tem seu início nos primeiros anos de vida, nos contatos iniciais da criança com o mundo mágico, fantástico e aberto da literatura infantil, cujo acesso garante um aprimoramento do processo de aprendizagem da linguagem como meio de construção e representação da realidade (FLECK, 2007, p.15).

Esse processo de construção e representação da realidade não pode ser interrompido e as obras lidas também devem acompanhar o crescimento dos educandos, assim o tipo de literatura apresentada na escola deve acompanhar essas mudanças. Nesse cenário, a literatura infanto-juvenil

¹ Segundo Stella Correia Bonici (2013), o gênero maravilhoso pode ser definido quando os acontecimentos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular no espectador, nem nas personagens de uma narrativa. O que o caracteriza é a própria natureza desses acontecimentos.

deveria se fazer presente, aquela que acompanha as mudanças pelos quais os jovens estão passando, as angústias da juventude, amores, amizades, descobertas, mudanças, novas experiências, a entrada no mundo adulto. Todos esses são temas recorrentes nas obras deste gênero literário (CURIA, 2012).

Essas foram algumas reflexões que me impulsionaram a idealizar e buscar realizar o projeto “Aventuras literárias” retratado neste trabalho. Um projeto sobre leitura compartilhada que foi realizado, durante o período de 29 de fevereiro de 2016 a 06 de maio de 2016, com uma turma de quinto ano do ensino fundamental em uma escola privada do bairro de Bonsucesso na cidade do Rio de Janeiro.

Conversando com uma das professoras da turma de quinto ano da escola em que o projeto foi realizado, descobri que a situação não era tão diferente do meu cenário escolar. Eles haviam realizado um projeto de leitura no ano anterior, 2015, quando os alunos estavam cursando o quarto ano. No trabalho realizado, os alunos levavam livros para casa e, uma vez ao mês, a turma visitava a biblioteca e cada um escolhia um livro. Eles tinham até o mês seguinte para entregar uma redação sobre a estória que haviam escolhido, a qual era pontuada para a disciplina de português.

Os alunos contaram que os livros que podiam escolher eram muito diferentes daqueles que estávamos usando no projeto “Aventuras literárias”. Eram livros pequenos, com muitos desenhos, com estórias curtas, definido pela turma como “livros para crianças pequenas”. Os educandos tinham autonomia para escolher o que leriam, mas a biblioteca da escola não oferece livros para a faixa etária deles.

Talvez todas essas formas de trabalhar a literatura sejam válidas, mas acabam ignorando as vozes dos educandos. Seria interessante permitir que eles participassem do processo de escolha dos livros a serem utilizados durante o período escolar. O valor das opiniões dos alunos deve ser reconhecido, pois são eles que vivenciarão, interpretarão, construirão significados através das estórias narradas nas obras literárias, os educandos acompanharão o desenrolar das tramas, acompanharão o desenvolvimento dos personagens. Assim, este projeto buscou ser uma tentativa mais democrática de fazer com que um maior número de alunos leia todo o livro, se

interessem por ele, não lendo apenas algum resumo que pode ser encontrado facilmente na internet.

OBJETIVOS

Este trabalho representa um registro da realização do projeto “Aventuras literárias”, apresentando minhas percepções sobre as reações dos alunos, as opiniões e ideias expostas por eles durante a realização do projeto. Dessa maneira, pretendo explorar por meio dele o desenvolvimento e o envolvimento dos educandos com os livros trabalhados.

No artigo “Práticas de leitura no espaço escolar: (im)posição do docente e a formação discente”, a autora, Manuela Cunha de Souza, aponta que o diálogo e as trocas de ideias representam uma produtiva concepção de leitura.

Independente do suporte, o que faz o leitor é o questionar, envolver-se e recriar sua visão de mundo. Muito mais que o limite da simples decodificação, é transpor-se para o mundo da leitura em todas as possibilidades contidas no ato de ler, o que vai da palavra escrita até a contação de histórias (SOUZA, 2008, p.6).

Partindo dessa concepção, envolver a turma nas tramas dos livros que foram trabalhados no projeto “Aventuras literárias” foi um dos principais objetivos. Além disso, busquei fazer com que se identificassem com as personagens, entendessem suas motivações e elaborassem sua visão própria sobre as histórias.

Dessa forma, este trabalho também apresenta as opiniões dos alunos, suas experiências e um pouco da personalidade de cada um deles, afinal eles representam a alma deste projeto, eles que o tornaram possível. Acompanhar seu envolvimento, suas variações de interesse, as opiniões que compartilharam, são os pontos que representam a construção da minha monografia.

JUSTIFICATIVA

A leitura é peça fundamental da formação dos alunos e a literatura permite ao leitor apropriar-se de diversos mundos, conhecer e talvez identificar-se com os personagens que compõem as histórias. Paiva e Oliveira (2010) apontam

Que a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso a leitura, é imprescindível que a escola crie possibilidades que

oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos. (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.2).

Assim, é importante que os textos tenham algum significado para os educandos, seja representando sua realidade, desenvolvendo sua imaginação e/ou trazendo temas de debates para sala de aula, o que exige também o necessário diálogo entre o professor e estudantes. Porém, os livros utilizados dentro das escolas, na maioria das vezes, não são escolhidos pelos alunos, nem dizem muito de sua realidade. Além disso, é importante considerar que

O fato de que a condição de professor e turma estarem ocupando um espaço físico, ou usando um mesmo código linguístico, não significa que estão construindo os mesmos significados, observando os mesmos objetos, concebendo as coisas da mesma forma. A não assunção da cognição situada pode acarretar a completa estranheza e desinteresse do aluno por aquilo que o professor pretende lhe dizer, simplesmente por não conseguir conceptualizar em sua mente a realidade que o professor descreve e os elementos e processos que a compõem (ALBUQUERQUE, GERHARDT e SILVA, 2009, p.80).

O professor e os educandos não possuem as mesmas experiências e saberes, sendo assim, suas interpretações tendem a ser distintas. Por isso, o professor deve exercer o papel de mediador entre a estória e o educando, ele não pode supor que o aluno irá conhecer todos os elementos presentes no texto, é preciso apresentar e debater sobre o material que será trabalhado. Assim, como afirmam Gerhardt, Albuquerque e Silva (2009), não há problema dos livros não tratarem da realidade do aluno. O problema é justamente não haver a contextualização por parte do professor. É papel do professor mediar esse processo de ativação, criação e integração dos conhecimentos prévios dos alunos aos textos que são lidos por eles. Por isso, durante a realização do projeto, antes de iniciarmos as leituras e durante a realização delas, conversei com a turma sobre quais conhecimentos eles tinham sobre os livros, apresentei o enredo e alguns dos personagens.

Os livros que retratam universos mágicos normalmente não são trabalhados dentro das escolas, por isso escolhi dois livros que pertencem ao gênero infanto-juvenil: Harry Potter e a Pedra Filosofal e Memórias de um Cabo de vassoura. O primeiro, Harry Potter, apresenta um mundo escondido dentro da realidade da sociedade, os bruxos caminham entre os não bruxos, chamados de “trouxas”, mas possuem uma cultura secreta, somente eles podem se identificar entre si ao se encontrarem no “mundo real”.

Já o livro “Memórias de um cabo de vassoura” é narrado por um tronco que se torna uma vassoura, o mundo dos humanos é interpretado pela visão dele. Na estória, há críticas sobre a sociedade, abordando questões como o preconceito e o descaso com a natureza, porém, a partir da visão desse personagem não humano central.

A literatura infanto-juvenil, segundo Curia (2012), é formada por obras que representam as angústias dos jovens e não se voltam somente à intenção pedagógica, mas buscam o entretenimento, sem diminuir seu valor na formação de leitores e o seu estatuto literário. Então, por que esses livros não podem ser usados dentro das salas de aula? Por que não podem ser fontes de trabalhos, debates, projetos? Só os clássicos são importantes? Como cita o autor:

Há uma forte identificação dos jovens com estes textos atuais: os conflitos de personalidade, o amor que vence todas as convenções, a vida eterna sem limites, os fortes laços de amizade, a disputa entre o bem e o mal e tantas outras mazelas e alegrias que estão na ficção, mas também na realidade de cada um. Não se pode afirmar que a juventude não lê. Estes jovens são leitores em formação, e nós, professores, precisamos ter um olhar especial para o gosto dos alunos (CURIA, 2012, p.2).

Acredito que esse tipo de literatura infanto-juvenil pode, e deve, ser inserido dentro do ambiente escolar, ela pode fomentar o gosto dos alunos pela leitura, apresentam temáticas para serem discutidas dentro da sala de aula e também podem trabalhar conjuntamente com diferentes disciplinas, favorecendo, assim, o trabalho interdisciplinar.

Esses livros não são apenas mero entretenimento, representam uma rica fonte de pesquisa e reflexão. Por isso, escolhi retratar a realização de um projeto de incentivo a esse tipo de leitura em minha monografia de conclusão de curso de graduação, pois acredito na força dessas estórias em envolver seus leitores com protagonistas cativantes e tramas elaboradas que possibilitam a fluidez da imaginação e estimulam a curiosidade sobre o destino destas personagens. Além disso, acredito no seu potencial pedagógico, contribuindo para a formação dos leitores que com elas interagem.

Acredito que uma das funções da escola é oferecer as ferramentas necessárias para o desenvolvimento intelectual e pessoal de seus alunos. A literatura dentro das salas de aula representa a oportunidade do livre pensamento, os educandos recebem a liberdade de trabalhar com linguagens

diversas, de serem os responsáveis pela constituição de suas visões críticas. Como afirma Curia (2012, p. XXX): “a leitura concebida e praticada como instrumento de transformação pessoal e social (...) é um dos requisitos essenciais da cidadania”.

CAPITULO I: INSPIRAÇÕES PARA O PROJETO

1.1 – INSPIRAÇÕES TEÓRICAS

Paro (2007) expõe a ideia de que para alcançar a qualidade de ensino, possibilitando ao educando os meios para uma vida com maior satisfação pessoal e melhor convivência em sociedade, a escola fundamental deve ter como bases a dimensão individual e a dimensão social. A primeira deve prover o conhecimento necessário para o desenvolvimento do aluno, possibilitando a ele usufruir dos bens culturais e sociais, e seu bem-estar pessoal, ou seja, o viver bem. E a dimensão social visa às futuras contribuições, do educando, para a sociedade: por meio de sua liberdade, ele deve contribuir para a construção social.

O componente essencial para a qualidade de ensino, segundo Paro (2007), é a educação para a democracia. O autor defende que os fins sociais da escola devem ser sempre incorporados, ou seja, a dimensão social deve ser vivenciada na prática. Para que os educandos atuem ativamente no desenvolvimento da sociedade, é preciso dotá-los das capacidades culturais necessárias. O cidadão deve sentir-se integrado a um todo social, no qual suas ações contribuem para o bem comum, sendo assim, o educando deve ser formado para agir e interagir. Assim, Paro (2007) afirma que a instituição escolar deve basear-se em princípios democráticos, que contribuam para o desenvolvimento do trabalho coletivo e cooperativo.

Tendo estes conceitos em mente, ao elaborar o projeto, acreditei que os alunos deveriam exercer seu direito de escolha, ou seja, os livros seriam pré-selecionados, mas só seriam realmente utilizados se fossem aprovados pelas crianças que participassem do projeto. Para realizar a pré-seleção, as ideias expostas por Oliveira e Paiva (2010) representaram a fundamentação teórica para essas escolhas.

O livro interessante para criança deve recorrer ao caráter imaginoso: traduzidos em mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos; exposto numa forma expressiva qualquer: lenda, conto, fábula, quadrinhos, etc.; descrito com beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem. (Sosa, 1978, p. 37). As crianças deslumbram com o fabuloso, pois o gosto pelo mistério, fantasia, prazer e emoção são inerentes a criança. Essa característica de primar à imaginação é que afirmará o máximo de interesse da criança. (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.25)

Assim, prezei por histórias que estimulassem a imaginação, com realidades diferentes, onde as personagens descobririam, conjuntamente aos leitores, estes novos universos. Dois livros que representam essa proposta são: “Percy Jackson e os Olimpianos” e “Harry Potter”. Estes foram os livros apresentados para a turma, porém só um deles foi aceito por eles.

1.1.1. A literatura infanto-juvenil na contemporaneidade

No projeto “Aventuras literárias”, decidi, inicialmente, trabalhar com livros como “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, um dos grandes representantes da literatura infanto-juvenil da atualidade. Por isso, esta subseção retrata o surgimento e o crescimento deste gênero literário, que esteve presente durante todo o desenvolvimento e realização do projeto, e nas pesquisas para a fundamentação deste trabalho.

No século XVII, a criança deixou de ser reconhecida como um mini adulto, a sociedade passou a reconhecê-la como um indivíduo com necessidades próprias. Logo, passou-se a existir uma nova demanda de atividades e produtos voltados para este público, inclusive a literatura.

Criou-se um mundo, que antes não havia, somente para os pequenos (...). Neste contexto surge a necessidade de uma Literatura de e para a criança. Primeiramente, e até pouco tempo, ligada, exclusivamente, à escola como instrumento de transmissão de normas e valores. (CURIA, 2012, p.6).

Assim, é possível dizer que foi nessa época que surgiu, como produto, o que se veio a chamar de literatura infantil, ainda que antes já circulassem, principalmente, de forma oral, histórias contadas para as crianças. Já no século XVIII, esse processo de construção de uma literatura infantil como produto se amplia e se transforma. Em relação a essa época, Oliveira e Paiva afirmam que

O processo de industrialização no século XVIII acelerou a modernização da sociedade, com a migração da população do campo para a cidade, fortalecendo a classe operária e intensificando a vida urbana. O livro ganha, nesse processo, outra conotação, passa ser produto de consumo da sociedade capitalista e atinge, também, a massa popular. O Capitalismo exige da população, além do seu espaço consumidor na sociedade, aptidão aos serviços especializados, adquiridos por uma instrução melhor através dos livros. (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.24-25).

No entanto, esse novo papel não diminuiu a força do processo de ampliação das obras voltadas para o público infantil, de livros que valorizassem

o imaginário, “as crianças deslumbram com o fabuloso, pois o gosto pelo mistério, fantasia, prazer e emoção são inerentes a criança.” (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.25). A literatura infantil passou a ser absorvida, também, pela massa da população, a classe operária. Neste século, segundo Gomes (2006),

As crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos, muito populares na época. Como tudo evolui, esse tipo de literatura também evoluiu para atingir ao público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos de fadas. (..) Quando surgiram livros como “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “Pequeno Polegar”, etc (GOMES, 2006, p. 01).

Então, no século XIX, houve a Revolução Industrial e a literatura passa a retratar uma nova organização social e os valores dessa nova sociedade. Logo, a literatura voltada para o público infantil se renova. Há um amadurecimento dos temas e uma expansão das estéticas da escrita (LAJOLO, 2001). Lajolo (2001) aponta que, nesta época,

No Brasil uma atividade editorial, a produção de livros apresentava-se ainda precária e esporádica. A Literatura Infantil então caracterizava-se por algumas traduções de contos e aventuras fantásticas consolidadas no século anterior enquanto o ensino da leitura servia-se (sob o paradigma do espírito romântico) da Constituição do Império, do Código Criminal, dos Evangelhos, e vez por outra de um resumo da História do Brasil. Mas o romântico ideal nacionalista da época iria, ao longo do século XIX, produzir e configurar uma literatura infantil verdadeiramente direcionada para o jovem público brasileiro. Conforme multiplicam-se o número de alunos e instituições educacionais, as primeiras séries graduadas de livros de leitura começam a surgir, ao lado de adaptações de obras estrangeiras e da produção de jornais de caráter infanto-juvenil (LAJOLO, 2001, p.01).

Pode-se dizer que, no final do século XIX e início do XX, os livros voltados para o público infantil passam a envolver temáticas mais maduras, mas o infantil não é deixado de lado. Assim, há o surgimento do que podemos chamar de literatura infanto-juvenil. (LAJOLO, 2001)

No que diz respeito à literatura infanto-juvenil no Brasil, Fernandes (2008) afirma que a literatura voltada para o público infantil surgiu propriamente no Brasil do século XX, por meio de textos com finalidades pedagógicas e funcionalidades sociais. Segundo Santos e Oliveira, neste século surgem três vertentes na literatura infantil e infanto-juvenil, a realista, a fantástica e a híbrida

A literatura realista expressa o Real e tem como objetivo testemunhar o mundo cotidiano, familiar e atual; informar sobre costumes, hábitos ou tradições populares; preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentarem as dores e os sofrimentos da vida. A literatura fantástica apresenta o mundo maravilhoso criado pela

imaginação, em que o lúdico prevalece. Neste mesmo universo, a ficção ganha lugar sobre o real e os escritores escolhem os mais diversificados estilos para chamar a atenção das crianças, como por exemplo, as histórias que tem personagens-animais (fábulas), as que transcorrem no mundo do “Era uma vez” entre outros. E por fim a literatura híbrida parte do Real e introduz nele o Imaginário. Coelho (1985) salienta que é, talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras, a qual contempla o Realismo Mágico. Nesta linha, o espaço básico ainda é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, porém uma novidade de forma natural é introduzida, isto é, o estranho e o mágico passam a fazer parte da realidade. (OLIVEIRA e SANTOS, 2012, p. 08).

Fernandes (2008) também aponta que literatura infantil no Brasil, a esse tempo, valoriza o imaginário, conectando-se à realidade. As obras são “constituídas por narrativas aventurescas, desenrolam fatos fascinantes, personagens e celebridades que se originaram da criatividade e na memória dos tempos, seja através da história, tradição oral, lendas e/ou mitos.” (FERNANDES, 2008).

Segundo Fernandes (2008), a literatura infantil e infanto-juvenil no Brasil valorizou os ideais do tradicionalismo literário, tais como

Idealismo: apresentação romântica da criança e daquilo que lhe é pertinente: família, escola, sociedade; Moralismo e maniqueísmo dogmático: ênfase a moral, ao valor da educação intelectual, lingüística e ao desenvolvimento emotivo da criança, porém pela perspectiva adulta que manipula as ações do leitor; Universalismo e Tradicionalismo: na valorização da linguagem erudita, na exposição dos temas e nos conteúdos; através daquilo que é comum ao homem e permanece historicamente e na utilização das fontes orais e do folclore; Literariedade e imaginação: valorização da Beleza poética, do sonho, dos devaneios infantis, das faculdades intuitivas (FERNANDES, 2008, p. 01).

Entretanto, segundo Curia (2012), no Brasil contemporâneo, a literatura passa por uma grande revolução, na qual os jovens voltam seu interesse para obras de autores estrangeiros.

De repente, o foco e o gosto e a oferta literária para jovens muda, coincidindo com práticas agressivas de trabalho com o texto literário nas escolas. Logo, há uma maçante opinião pública, quase que um lamento, de que o jovem brasileiro não lê. O povo inteiro está fadado a ignorância porque não lê. Mas o povo lê. O povo não lê a literatura clássica, de estilo, de proposta, mas o povo lê Harry Potter, lê os vampiros, lê Percy Jackson e muitos outros textos (CURIA, 2012, p. 10).

A literatura infanto-juvenil foi se transformando, juntamente com os jovens de cada geração. Porém a fantasia, o místico, as aventuras, ainda estão presentes, mas são apresentadas com uma nova roupagem. A imaginação

impulsiona a vontade de ler de crianças e jovens, são eles e não mais os adultos que protagonizam os livros, por consequência movimentam e conduzem as estórias.

1.1.2. A relação literatura-escola

Atualmente, a literatura, dentro do espaço escolar, ainda é tratada como conteúdo programático. Como afirmado outras vezes, os livros trabalhados, comumente, não são escolhidos pelos alunos, mas apenas apresentados a eles no decorrer dos bimestres. Os alunos não sugerem livros, apenas acatam as opções que lhe são impostas. (ALBUQUERQUE, GERHARDT e SILVA, 2009; CURIA, 2012, FERNANDES, 2008; FLECK, 2007; LAJOLO, 2000; OLIVEIRA e PAIVA, 2010; SANTOS e ZINANI, 2008, entre outros)

Arruda, Lopes e Schornobay (2009) apontam que a escola e os familiares devem trabalhar conjuntamente na transformação de crianças em leitores. Afirmam que, por meio da leitura, a criança transforma o imaginário em seu cotidiano. Assim ela deve ser trabalhada desde da educação infantil e durante toda a trajetória escolar, porém, os familiares devem auxiliar nesse processo, lendo para as crianças e com elas, buscando estimular sua imaginação e valorizando suas interpretações.

Oliveira e Paiva (2010) também discursam sobre o papel da escola na formação do leitor e a importância da leitura para o desenvolvimento dos educandos.

Na vida cotidiana, deparamo-nos com os caminhos da leitura motivados por situações de necessidade, prazer, obrigação, divertimento ou para passar o tempo. Nesta perspectiva, podemos afirmar que a leitura é fundamental para construção de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual, ético e estético do ser humano. Se considerarmos que a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso à leitura, é imprescindível que a escola crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.23)

Também Santos e Zinani (2008) discutem o papel dos livros dentro do ambiente escolar. Segundo as autoras, enquanto diverte o leitor, a literatura também lhe proporciona caminhos que o levam ao autoconhecimento necessário a sua formação como ser humano, à organização de sua personalidade. A escola deve proporcionar uma literatura emancipatória que

contribua para a constituição de um cidadão crítico e pensante, por meio de atividades com textos e obras literárias.

Lajolo (2000), por sua vez, afirma que talvez não se deva fugir dos encaminhamentos mais tradicionais no ensino da literatura, pois para o aluno é fundamental vivenciar a complexidade da instituição literária, que por sua vez não é composta somente por textos literários. Porém, é preciso retratar também o cotidiano, que abrange o mundo contemporâneo e as angústias individuais de cada educando. Segundo a autora, cada leitor transfere suas experiências nas interpretações que faz dos textos, por isso, o trabalho escolar deve buscar uma aproximação com o cotidiano. Lajolo (2000) chama atenção para o fato de que

A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe a leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livros e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é (...) relativa. (LAJOLO, 2000, p. 108-109)

Logo, Lajolo (2000) demonstra que cada educando realizará sua própria interpretação de um texto, assim, dentro de uma mesma turma, haverá diversas visões e opiniões sobre aquilo que está sendo trabalhado. Independente da temática do livro, ou a qual faixa etária ele é indicado, as angústias dos alunos influenciam na construção de seus pensamentos sobre as obras lidas.

Fleck (2007) também reflete sobre o ensino de literatura nas escolas e aponta que:

Os espaços restritos que a literatura infantil e infanto-juvenil encontram no sistema educacional são, também, reflexo da precariedade em que se encontra a totalidade do processo de formação de leitores críticos em nosso país. Oportunizar, em primeira instância, a leitura de obras dentro deste contexto e, em outras instâncias, a discussão sobre a importância desta tarefa deve, portanto, ser elemento essencial na formação de profissionais da área da educação. Compreender a importância da iniciação do sujeito no mundo literário, por meio da exploração da literatura infantil e infanto-juvenil, é lançar boas sementes num solo fértil, que, no futuro, revelará frutos como a criticidade, o engajamento social e político, a consciência de que todo ser humano é agente histórico – elementos constituintes das ações de um leitor crítico, transformador do meio pela capacidade de compreensão e pelo domínio do poder da palavra como construtora de discursos. (FLECK, 2007, p.25)

Além disso, a literatura dentro do ambiente educacional permite aos educandos explorarem diferentes gêneros literários. Nesse sentido, Oliveira e Paiva (2010) chamam a atenção para a crescente circulação dos textos infanto-juvenis nos espaços educacionais, o que vem ocorrendo atualmente. Os autores ressaltam que, em sua maioria, isso ocorre por fins didáticos e de transmissão de conteúdos, mas reforçam que “a escola é o espaço de encontro entre criança e livro. Cabe, então, a escola, a responsabilidade de inserir a criança ao mundo da leitura.” (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.29).

Todos esses autores apontam a importância da literatura para a formação de cidadãos intelectualmente e pessoalmente desenvolvidos, o que me fez refletir sobre como, atualmente, as obras literárias trabalhadas dentro dos espaços escolares não são escolhidas pelos próprios educandos, e muitas vezes, também não são escolhidas pelos professores da disciplina, sendo enviadas para a escola por meio de programas do governo ou de políticas editoriais, não havendo um preparo diferenciado direcionado aos professores, para compreenderem, discutirem e pensarem sobre o porquê das obras selecionadas (CURIA, 2012). Muitas vezes, a força da tradição e as poucas experiências dos professores também os leva a repetirem as mesmas escolhas, o que faz com que um número pequeno de livros circule nas escolas de todo o país ao longo dos anos. (CURIA, 2012; GERALDI, 2006; LAJOLO, 2000)

Porém, por outro lado, os autores apontam também como a escola representa um ambiente ideal para a utilização das literaturas infantil e infanto-juvenis, pois estas possibilitam o desenvolvimento, por parte dos alunos, de um sentimento de identificação com as histórias e textos lidos. Eles relatam sobre as descobertas da infância, as mudanças pelas quais os jovens passam quando estão se tornando mais velhos, adquirindo responsabilidades. Os livros também estimulam a imaginação, a capacidade de construir cenas em suas mentes, pensar em entonações, vozes e características físicas e de personalidade para cada uma das personagens das histórias lidas, além do desenvolvimento do pensamento crítico e do convívio em sociedade, levando seus leitores a respeitarem as diferentes opiniões e vivências que podem emergir durante as conversas, debates e trabalhos que surgem dentro da sala de aula sobre os livros.

1.2 – INSPIRAÇÕES DA/NA ESCOLA

Realizei meu estágio de ensino fundamental na escola municipal Georg Pfisterer, acompanhando a professora Silvia, que leciona Língua Portuguesa, nas turmas de 6º ano. Pela primeira vez estive em uma sala de aula sem ser no papel de estudante, não sabia o que esperar, mas acredito que o fato de não possuir experiência foi o que tornou o estágio tão enriquecedor.

Um dos fatores que instigou minha curiosidade sobre o trabalho desenvolvido com/no ensino fundamental durante esse processo foi a postura da professora Silvia. Ela sempre iniciava suas aulas colocando no quadro um "pensamento do dia" e o debatia com os alunos. Durante o tempo em que realizei meu estágio, esses foram alguns dos pensamentos:

- "Ler é mais importante do que estudar." (Ziraldo).
- "Analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem." (Mário Quintana).
- "Penso, logo existo." (Descartes).

Através dos pensamentos, os alunos eram estimulados a pensar além do conteúdo didático, era um momento de reflexão. Além de conversarem sobre o pensamento em si, a professora trazia informações sobre o autor daquela frase, questionando os alunos sobre o que eles sabiam a respeito dele.

Assim pude compreender melhor qual poderia ser meu papel como educadora, indo muito além da transmissão de conteúdos, pois uma das funções da educação é possibilitar ao estudante os meios para uma vida com maior satisfação pessoal e melhor convivência em sociedade. Para isso, segundo Paro (2007), é preciso valorizar e permitir o desenvolvimento da dimensão individual e da dimensão social dos alunos, auxiliando para que eles usufruam ao máximo aquilo que a escola oferece e assim contribuir para sua construção social.

No meu primeiro dia de estágio, um dos alunos, chamado Ryan, perguntou onde eu passaria o recreio e convidou-me para ficar na biblioteca, aceitei o convite. A biblioteca é bem movimentada durante o recreio, e esse foi um momento em que pude ter contato com os alunos em um ambiente

diferente da sala de aula. Pude escutar suas opiniões sobre os professores, sobre os deveres, suas aspirações, seus gostos e o que pensavam sobre a escola.

Dentro da biblioteca, pude acompanhar o interesse dos alunos por determinados livros. Conversando com a bibliotecária, descobri que havia fila de espera para pegar emprestado livros como “Jogos Vorazes”, “Divergente”, “Os Instrumentos Mortais”, “Percy Jackson e os Olimpianos” e “Harry Potter”, todas sagas com histórias criativas e instigantes, algumas das quais, pessoalmente, eu gosto muito. Não havia trabalhos ou aulas que trabalhassem com leitura literária, mas a biblioteca possui diversos títulos da literatura infanto-juvenil, havia enormes listas de espera para retirar os títulos.

A Escola Municipal George Fisher atende a alunos do sexto ao nono anos do ensino fundamental, eles não têm aula de literatura e não são obrigados a ler, como eu era na minha época de escola, mas são atraídos para um gênero literário diferente daquele comumente utilizado nas salas de aula, sobre mundos diferentes, com protagonistas fortes.

Outro ponto que me chamou atenção foi a postura dos alunos em relação a minha presença dentro de sala, por exemplo, alguns faziam questão que eu me sentasse ao seu lado para fazer os exercícios. Nesses momentos, pensei que esses alunos que pediam ajuda constantemente estivessem enfrentando alguma dificuldade de aprendizagem, mas ao debater o tema na Universidade com a turma de estágio supervisionado em ensino fundamental, pude compreender que talvez alguns estudantes achassem divertido receber uma atenção diferenciada, que não fosse da professora regente da disciplina. Acredito que tal análise não representa todos os estudantes com quem tive contato durante essa experiência, mas a maioria estava aberta a me receber em sua sala e fazer com eu me sentisse bem-vinda.

Segundo Paro (2007, p.52):

O afeto supõe empatia e compromisso do educador com o educando, com a preocupação de reforçar a condição de sujeito deste, estabelecendo uma relação humana que não seja fria e exterior, ocupada apenas em oferecer conhecimentos para serem apreendidos, mas sim calorosa e cúmplice da própria formação da personalidade do educando.

Sinto que estabeleci essa relação sincera com um dos alunos, Ryan. Ele me mostrou um texto que havia escrito sobre mim em sua agenda, e foi

nesse momento que percebi que havia conseguido criar uma relação honesta com um aluno. Ele não pedia ajuda com seus deveres, não me pedia para sentar ao seu lado durante a aula, foi uma experiência verdadeira, não tive que forçar uma aproximação ou me oferecer para ajudar com algum dever, tudo ocorreu naturalmente.

Esse é tipo de relacionamento que busquei estabelecer com os alunos que participaram do projeto “Aventuras literárias”, ser mais do que alguém que passa conteúdos, ser alguém com que eles se identificassem e assim eles se sentiram seguros para expressarem suas opiniões.

1.3 – INSPIRAÇÕES DA/NA UNIVERSIDADE

Durante o oitavo período da graduação, cursei a disciplina Literatura na Escola e, no decorrer do semestre, realizei três trabalhos: o primeiro sobre a minha trajetória literária; no segundo, apresentei o livro que originou meu apreço pela leitura e, no terceiro, uma intervenção literária.

No transcorrer de todo o período, esses trabalhos me fizeram refletir sobre o tema da minha monografia, as discussões em sala também me instigavam e me impulsionavam para escolher algo que estivesse voltado para o estímulo à leitura e à formação do leitor literário.

Os três trabalhos realizados durante a disciplina Literatura na escola foram importantes para o tema desta monografia. Porém, um deles, no qual eu deveria descrever minha trajetória literária foi o trabalho mais marcante e prazeroso, pois pude perceber, através dele, como a leitura literária é uma parte importante da minha personalidade. Comecei a me interessar por livros aos oito anos e desde então estão presentes na minha vida. Pude perceber como meus interesses por diferentes gêneros foi se desenvolvendo com o passar do tempo.

Ao relembrar minha trajetória automaticamente pensei nos recreios na biblioteca durante meu estágio no ensino fundamental. Aqueles educandos estavam passando por um momento que eu já havia vivenciado, o desejo de absorver o máximo de todos os diferentes universos que nos são apresentados por meio dos livros.

Tenho o costume de quase sempre carregar o livro que esteja lendo no momento comigo, na época do estágio estava lendo a saga “Instrumentos mortais”, são histórias que retratam um mundo escondido dentro da nossa realidade, no qual todos os monstros realmente existem. Algumas das crianças viram o livro e imediatamente começaram a fazer perguntas sobre a história, me contaram que na biblioteca havia exemplares. Na semana seguinte uma das meninas veio me mostrar que havia pegado um exemplar na biblioteca e começado a ler o primeiro livro. Lembrar disso me fez pensar em como os alunos demonstravam interesse por essas histórias, estavam ávidos para desvendar novos mundos

A literatura, para mim, representa a possibilidade de libertar o pensamento, estimular a imaginação e conhecer diferentes realidades. Levando em consideração essa ideia, a idealização de um projeto em prol da leitura no ambiente escolar significa, para mim, oferecer oportunidades para alunos e professores de aprenderem conjuntamente, por meio de uma nova experiência, a respeitar os conhecimentos e vivências uns dos outros.

Além disso, acredito que esta seja uma oportunidade de buscar levar aos alunos a ideia de que devem dar liberdade a sua imaginação, valorizar seu poder de criação e construção, trabalhando a visão crítica deles, estimulando-os a expressarem suas impressões sobre aquilo que lhes é apresentado e demonstrando que não existe um único olhar sobre as obras literárias.

Assim, pensando sobre o livro do Vítor Paro, minha prática no estágio de ensino fundamental e as aulas de Literatura na Escola, idealizei a ideia do projeto “Aventuras literárias”, o qual seria voltado para o ensino fundamental, trabalhando com livros de literatura infanto-juvenil, que estimulasse a democracia dentro da sala de aula e representasse uma experiência nova que enriquecesse o dia-a-dia escolar dos alunos e estimulasse a troca de ideias e vivências.

CAPÍTULO 2: DESENVOLVENDO A PESQUISA-AÇÃO

2.1 – METODOLOGIA: PESQUISA-AÇÃO

O artigo “Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação”, das autoras Selma Pimenta e Maria Franco, aponta que a pesquisa-ação permite que o pesquisador trabalhe conjuntamente com os objetos de sua pesquisa, ambos interferindo da dinâmica de trabalhos pré-estabelecida entre eles. Assim o próprio pesquisador acaba repensando suas práticas, ou seja, ele torna-se parte ativa da pesquisa, além de observador, torna-se autor das mudanças ocorridas no campo de pesquisa (PIMENTA e FRANCO, 2008).

Dessa maneira, o projeto “Aventuras literárias” não poderia ser baseado em outra metodologia, pois, durante todo o processo, meu objetivo era incentivar a leitura dentro da sala de aula, fazer com que os educandos ampliassem sua visão crítica, instigando sua curiosidade sobre os próximos eventos que apareceriam no decorrer nas estórias que estávamos trabalhando.

Tripp (2005) aponta que todos nós pensamos sobre o que acontece, mas também podemos melhorar nossa reflexão, questionar nossas ideias sobre o que é importante e ir mais fundo e mais criticamente nas coisas. Um dos objetivos do projeto é exatamente esse, possibilitar a reflexão e o aprimoramento desta, seja individualmente ou conjuntamente, através das rodas de conversa.

A pesquisa-ação necessita que seu pesquisador seja flexível durante todo o processo, deve ter em mente que seu planejamento pode sofrer alterações a qualquer momento. Essa reflexão foi mantida durante todo o tempo que passei com a turma do quinto ano. O desenrolar do projeto não foi igual ao que eu havia planejado, as reações e comentários foram constantemente expressos ao longo dos diversos momentos do projeto, inclusive em momentos que não seriam apropriados se a metodologia fosse mais fechada. Entretanto, isso foi de grande relevância, uma vez que a pesquisa-ação trabalha, justamente, com a espontaneidade dos membros participantes do projeto.

A metodologia da pesquisa-ação pode parecer solta, sem exigências, como se não houvesse a realização de um planejamento e que não possui, em

sua execução e estrutura, conceitos teóricos/fechados. Tripp afirma, porém, que, “embora seja verdade que a teoria disciplinar tradicional não é prioridade principal, é, contudo importante recorrer a ele para compreender as situações, planejar melhoras eficazes e explicar resultados” (TRIPP, 2005, p.450). Assim, o desenvolvimento de um aporte teórico se faz necessário.

Além de me guiar pelos princípios da pesquisa-ação, durante a elaboração do projeto, os trabalhos de Vitor Henrique Paro (PARO, 2007) e Paulo Freire (FREIRE, 1987, 1996) foram bases importantes de inspiração e de reflexão, sendo consideradas também as ideias que embasam o princípio da democracia dentro da sala de aula, buscando valorizar e fazer uso das ideias e opiniões expostas pelos educandos durante todo o desenvolvimento do trabalho com a turma. Também busquei fundamentar minha pesquisa em textos que discutissem o papel da literatura dentro das escolas. A relação entre a teoria e a pesquisa-ação foi imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho.

Um dos fundamentos deste trabalho é a crença na capacidade que os educandos possuem de trazer suas experiências para dentro da sala de aula, sabendo que suas experiências influenciam na constituição de suas interpretações. Em relação a isso, é possível retomar a leitura de Gerhardt, Albuquerque e Silva (2009), que apresentam o conceito de conhecimento prévio:

Definido geralmente como o conjunto de saberes que a pessoa traz como contribuição à sua própria leitura, e que toma parte no movimento descendente de fluxo informativo (...) Também importante para o estudo do conhecimento prévio em leitura é a noção de *esquema*, citada em Kleiman e discutida com mais profundidade em Leffa (1996): trata-se das estruturas de saber acumulado que vamos construindo ao longo da vida e que estão ligadas às expectativas sobre os conteúdos dos textos que lemos, através das pistas oferecidas pelo material linguístico-textual. Tendo sido previamente aprendidos e organizados como padrões de conhecimento, os esquemas interagem com as informações oferecidas pelo texto, para compor em nossa mente um todo organizado e coerente (ALBUQUERQUE, GERHARDT e SILVA, 2009, p.76 e 77).

Assim, ao longo da pesquisa foi essencial pensar que as experiências e os saberes dos educandos permitem que cada um deles faça sua própria interpretação daquilo que está sendo lido, uma vez que suas vivências influenciam diretamente em suas interpretações. Entretanto, essa integração entre os conhecimentos dos alunos e os dos textos lidos pode ser auxiliada

pelo professor, uma vez que, ao contextualizar os textos, ele possibilita que os educandos realizem as conexões entre seus saberes prévios e as estórias trabalhadas na sala de aula.

2.2 – O PRINCÍPIO DA DEMOCRACIA EM SALA DE AULA E SUA INFLUÊNCIA NESTA PESQUISA-AÇÃO

No livro "Pedagogia da Autonomia", Paulo Freire apresenta a "prática educativa progressista", essa prática representa o dinamismo da arte de ser educador. Educar, dentro dessa visão, é um processo dinâmico, no qual a identidade cultural influencia a dimensão individual dos educandos (FREIRE, 1996).

O cotidiano escolar é um ambiente desafiador, a construção do processo de ensinar e aprender deve ser realizado com igualdade e democracia. Assim entendendo-se o papel da escola, do docente e dos discentes como um corpo transformador, que possui a tarefa de trilhar um caminho no qual busca-se reinventar-se a cada dia, a educação em cada escola faz o seu próprio caminho.

Nesse processo, percebe-se a importância de atividades diversificadas para permitir a interação através do contato com outras experimentações, o que propicia aos alunos a inserção na vida social através das trocas, interações, descoberta e exploração do novo. Segundo Freire (1996), o ato de ensinar engloba abraçar os riscos, buscando sempre a inovação e o enriquecimento. É indispensável descartar qualquer tipo de preconceito, pois todos são iguais, possuem os mesmos direitos e deveres, e este ideal deve transcender a sala de aula e ser adquirido como vivência.

Após a leitura de Freire (1996), compreendo que o ensino não depende exclusivamente do professor, é preciso gerar um ambiente no qual o aluno também crie e transforme com sua vivência. O professor não é superior ou mais inteligente, porque domina conhecimentos que o aluno ainda não domina, ele deve apresentar as ferramentas, através de dinâmicas, textos, filmes, livros, para o segundo criar sua própria aprendizagem, sendo autor da própria construção de conhecimento.

É necessário ouvir o que os educandos têm a oferecer e o papel do professor, dentro da sala de aula, é permitir aos alunos compartilharem seus conhecimentos. Porém, a orientação pode ser confundida com imposição. Em relação a isso, Souza aponta que

Muitas vezes, o aluno não encara o professor como aquele que orienta ou indica um livro, e sim, aquele que o impõe. A instituição escolar, por vezes, trabalha com a leitura apenas como forma de avaliar o entendimento, limitando-se ao “o que o autor quis dizer”, reduzindo as possibilidades de interpretações, bem como deixando de abordar variados elementos que perpassam um texto literário, como o contexto, debate da temática, estudo dos personagens (SOUZA, 2008, p.4).

O projeto “Aventuras literárias” representa uma tentativa de refletir essas ideias dentro da sala de aula, sem os alunos, sem suas vivências, suas preferências e sua disponibilidade de participar ativamente de algo novo, ele não seria possível.

Os educandos são movidos pela curiosidade, o desejo de aprender, de crescer. A curiosidade, subjetivamente, representa a busca do querer saber, do querer entender, então é necessário que seja incentivada, de maneira democrática, isto é, é indispensável deixar que o aluno fale com sua própria voz.

Nesse sentido, é importante considerar que “A leitura concebida e praticada como instrumento de transformação pessoal e social é um acontecimento recente. Na sociedade brasileira atual, ela se constitui como uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania” (CURIA, 2012, p.07). O projeto é baseado nessa ideia, de que a leitura é essencial para a formação do cidadão.

A pedagogia de Freire possui sua base na ética e no respeito à dignidade e à própria autonomia do aluno, pois educar é um processo humanizador. As vozes dos alunos precisam ser ouvidas, especialmente nesse projeto. Não há uma visão correta ou única para a interpretação de uma estória. Cada uma das crianças teve a liberdade de escolher participar, de expressar suas interpretações, foram momentos de trocas enriquecedoras.

2.3 – APRESENTANDO O PROJETO À ESCOLA

A pesquisa-ação de que trata este trabalho, se desenvolveu com uma turma de 5º ano da escola Nova Associação Brasileira de Ensino (N.A.B.E.),

que se localiza no bairro de Bonsucesso, funcionando nos três turnos: manhã, tarde e noite. Nos turnos da manhã e da tarde, atende alunos da educação Infantil até o Ensino Médio e, no turno da noite, oferece turmas de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Uma de suas peculiaridades é que os alunos podem permanecer na escola depois de seu horário, levando em consideração aqueles pais que trabalham o dia inteiro. Eles oferecem almoço, grupos de estudos, espaços para os alunos realizarem os deveres de casa, trabalhos em grupo, pesquisas na biblioteca e ter acesso à internet.

Eu já havia realizado dois estágios na escola, o de gestão e o de Educação para Jovens e Adultos (EJA). Durante meu estágio de gestão, tive a oportunidade de observar diferentes partes da escola, como a portaria e o recreio na sala dos professores, porém, grande parte do tempo de estágio passei no gabinete do diretor.

Ainda assim, o mais proveitoso foi ficar na portaria da escola, recebendo as carteirinhas dos alunos na entrada, pois, dessa maneira, pude ver o contato que o responsável por essa tarefa tem com os alunos. O responsável é um senhor chamado João, mas é conhecido por todos como Seu João, incluindo professores, alunos e a direção. Ele não possui uma graduação, mas conhece a maioria dos alunos pelo nome e conhece bem a rotina de funcionamento da escola.

Durante o estágio de E.J.A., acompanhei as aulas ministradas no turno da noite, em uma turma com 17 alunos. A turma era composta por diversas faixas etárias, havia alunos de 19, 20, 30 e 40 anos, o mais novo da turma tinha 19 anos e o mais velho 47. Os alunos tinham o objetivo de terminar o Ensino Médio, era um grupo heterogêneo, mas com uma característica presente em todos, são trabalhadores, por isso estudam no turno da noite.

Os dois estágios foram proveitosos, então, pensei que por já conhecer a escola e a direção encontraria abertura para apresentar o projeto. Quando cheguei à escola expliquei para a coordenadora pedagógica, Karla, que gostaria de ministrar um projeto de incentivo à leitura para uma turma no ensino fundamental. O projeto seria baseado na leitura compartilhada de dois livros infanto-juvenis, havendo rodas de conversas e a exibição de um filme. A

ideia foi bem recebida, então a coordenadora chamou a professora responsável pelos horários do ensino fundamental, Jane.

No Colégio N.A.B.E., as turmas não possuem apenas um professor para todas as matérias, são três professoras que dividem as disciplinas, Jane, Ana e Aurea. As professoras possuem salas fixas, são os alunos que trocam de salas de acordo com as disciplinas.

A turma do quinto ano do ensino fundamental possui dois horários vagos durante a semana, segunda e sexta, no horário de 10h as 11h30min. Então me foram oferecidos esses dias para realizar o projeto. A reunião, com a coordenadora pedagógica da escola, Karla, e a professora responsável pelos horários do ensino fundamental, Jane, ocorreu na manhã do dia 23 de fevereiro de 2016 e o dia 29 de fevereiro foi meu primeiro dia com os 14 alunos da turma.

CAPÍTULO 3: “AVENTURAS LITERÁRIAS”

3.1 – CONHECENDO A TURMA

No primeiro dia, eu estava muito nervosa, uma vez que, pela primeira vez, eu seria responsável por uma turma e, sozinha, apresentaria um projeto elaborado por mim para alunos que nunca havia visto antes. A sala era grande para a quantidade de alunos, com uma janela, e era quente, pois havia apenas dois ventiladores. A turma estava agitada, porque havia voltado do recreio há pouco tempo.

A professora Jane me apresentou à turma e à professora Aurea, que, naquele horário, era a responsável pelos alunos. A professora Aurea me disse para ficar à vontade e que iria ficar na sala, em sua mesa, corrigindo deveres.

Antes que eu começasse a falar, os alunos já começaram a perguntar se eu era professora e do que eu daria aula. Então expliquei que estava estudando para ser professora, ainda não era, e que estava ali para fazer uma proposta a eles. Perguntei quem gostava de ler e eles riram, alguns afirmaram que preferiam ver filmes e alguns que achavam os livros muito grandes.

Contei que gostaria de fazer algo diferente, não era uma aula, não valia nota, não haveria prova, apenas conversas. Isso os deixou mais relaxados, senti que as posturas ficaram mais calmas, os olhares curiosos, mas ainda estava me sentindo um pouco intimidada, pois me encontrava de frente para quatro fileiras de alunos e me senti rígida. Então, perguntei se eles gostariam de fazer uma roda e imediatamente eles mudaram as disposições das carteiras.

Segundo Silva (2012),

O objetivo de se realizar uma roda de conversa é um aprendizado mútuo com a troca de experiências. É sempre compartilhar um fato, seja ele bom ou ruim, uma inquietude ou uma satisfação, uma dúvida ou afirmação, descoberta ou indignação, decisão ou uma solução, ou seja, independente de qual for o motivo, ela sempre levará à aprendizagem pela troca e reconstrução de conceitos dos participantes. Ao falar, o sujeito compartilha com os outros as suas experiências e aprende a argumentar, abrindo uma porta para o grupo construir novas argumentações, tornando-se assim, uma constante troca, união de saberes e experiências, gerando um espaço de aprendizado e construção coletiva, e ao mesmo tempo, de conquista individual (SILVA, 2012, p. 55-56).

Então, levando o conceito de Silva (2012) em consideração, sentei-me à roda e contei que estava na universidade há quatro anos e iria me formar esse

ano. Disse que, para isso eu precisava escrever um último trabalho, o mais importante de todos esses anos e que eu precisava da ajuda deles, pois gostaria que fossem os protagonistas da minha monografia. Contei que o tema da minha monografia era sobre livros, pois sou apaixonada por ler. Eles, então, ficaram curiosos para entender como alguém poderia ser apaixonada por ler, já que era algo cansativo.

Sobre isso, podemos lembrar do que Curia (2012) fala sobre os professores que são lembrados pelos alunos

Ninguém esquecerá aquele professor provocador, polêmico. Aquele professor que chegava na sala de aula cheio de livros, que anotava em um livreto os comentários dos alunos. Ele sorria. Ele tinha uma inquietação: precisava socializar suas leituras. Ele forma leitores naturalmente, sem pretensões absurdas. Ele é um leitor (CURIA, 2012, p.13).

Assim, apropriando-me do que Curia disse, resolvi contar sobre o primeiro livro que li e que me fez gostar de literatura, “Memórias de um cabo de vassoura”, e eles riram do título. Expliquei que era sobre a vida de um cabo de vassoura, que ele narrava suas aventuras no mundo dos seres humanos, que todos os objetos tinham consciência na estória, que era um livro sobre o nosso mundo através da visão de um cabo de vassoura.

Logo depois, eles se mostraram curiosos com o que era uma monografia e quiseram saber se valia nota. Após entenderem do que se tratava, perguntaram o que teriam que fazer. Disse que precisavam ler dois livros comigo, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” e “Percy Jackson e os Olimpianos – O ladrão de raios”, e que havia escolhido estes livros por apresentarem realidades mágicas, tornando-se verossímeis em seus contextos e por serem protagonizados por crianças. Eles demonstraram grande interesse no primeiro, sabiam que era sobre magia e perguntaram se assistiríamos ao filme. Já o segundo teve uma recepção diferente da esperada por mim, pois afirmaram ter visto o filme e não terem gostado.

Prontamente, decidiram que gostariam de ler Harry Potter, pois conheciam alguns filmes, mas não sabiam nada sobre o livro. Ao decidirem pelo livro, comentei que quando terminássemos iríamos assistir ao filme. Esse comentário acabou mudando a conversa para o tema do cinema. Esperava que eles gostassem de conversar sobre os filmes da saga Harry Potter, mas foi

muito além. Surgiram diversos gêneros, animação, comédia, suspense, ação, fantasia, todos falavam sobre seus filmes favoritos e dos quais não gostavam, foi um momento de espontaneidade.

Um dos fatores que compõem a metodologia da pesquisa-ação é que deve haver um planejamento, um processo de organização que é idealizado antes da realização da pesquisa, porém este deve estar aberto para mudar de acordo com as atitudes dos indivíduos participantes (TRIPP, 2005). Eu planejava apresentar o livro, mas a conversa mudou de rumo, em vez de podar o debate gerado pelos alunos escolhi participar, pois foi o primeiro momento em que houveram trocas, onde todos puderam expressar suas ideias e ouvir as dos demais.

Todos falavam ao mesmo tempo, sobre diversos títulos diferentes, perguntando quais eu conhecia, quais tinha visto, buscando identificar minhas preferências e expressar as deles. Demonstraram entusiasmo quando gostávamos do mesmo filme, compartilhando os mesmos gostos e interesses.

Quando os ânimos se acalmaram, falei que deveríamos escolher algum outro livro, e perguntei se eles tinham alguma sugestão. Um dos meninos, Pedro, sugeriu que lêssemos o livro que me fez gostar de ler. A turma concordou com sua sugestão e assim o segundo livro foi escolhido. Foi um momento que deu o tom de como seria nosso relacionamento. Em relação a isso, Oliveira e Paiva (2012) ressaltam que

Os educadores precisam ver o aluno como parte essencial deste processo, promovendo a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única. Como afirma Cosson “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (Cosson, 2007, p. 27) (OLIVEIRA e PAIVA, 2012, p. 32).

Antes mesmo de iniciarmos a leitura a turma já estava fazendo escolhas conjuntamente, interferindo diretamente no desenvolvimento do projeto. Logo, como educadora, acredito que eles são os protagonistas desta experiência, sendo assim suas decisões devem ser levadas em consideração, pois lhes ofereci a liberdade de tomarem decisões sobre o desenvolvimento do nosso trabalho.

Esclareci que leríamos o livro juntos, cada um poderia ler em voz alta, mas quem não se sentisse confortável não precisava ler, bastava escutar e

participar das discussões, e que era importante que expressassem suas opiniões, que não precisavam ter vergonha. Busquei deixar claro que não estavam sendo avaliados, era para ser uma experiência diferente na qual todos pudessem participar.

Por fim, expliquei que no final eu faria uma espécie de entrevista com cada um deles, para que pudessem contar suas impressões sobre os livros, o filme, o projeto e um pouco sobre eles mesmos. Seria um momento que teríamos a sós no qual teriam a liberdade de falar sem serem ouvidos pelo resto da turma. Não demonstraram grande entusiasmo com a ideia, mas sim preocupação, a primeira pergunta foi se a entrevista seria uma prova oral. Essa pareceu ser um dos maiores receios, até um pouco de desconfiança, se o que realizaríamos realmente não possuiria uma avaliação ao final.

Sobre isso, Lajolo (2000) afirma que

O texto, em sala de aula, é geralmente objeto de técnicas de análise remotamente inspiradas em teorias literária de extração (,,,) Na escola, anula-se a ambiguidade, o meio-tom, a conotação – sutis demais para uma pedagogia do texto que consome técnicas de interpretação como se consomem pipocas e refrigerantes (LAJOLO, 2000, p.16).

A reação dos alunos e a fala de Lajolo (2000) representam como a leitura literária é tratada como conteúdo de trabalhos e provas, em vez de ser fonte de inspiração, e por consequência, fonte de novos conhecimentos (CURIA, 2012). Posteriormente, quando soube sobre o projeto de leitura que havia ocorrido no ano anterior compreendi a reação dos alunos. Para eles a leitura estava associada a notas, trabalhos, e não uma fonte de prazer.

Em resumo, nesse primeiro dia, nos apresentamos, conversamos sobre a faculdade, falamos muito de cinema, a turma aceitou participar do projeto, mas buscou, em diferentes momentos, reafirmar que não haveria nenhum tipo de avaliação sobre a experiência, e lemos apenas sete páginas do primeiro livro. Nos dois meses seguintes, convivemos, lemos dois livros, assistimos a um filme, fizemos entrevistas e pude descobrir um pouco sobre cada um deles - quatorze crianças com idades entre nove e doze anos:

Ana Clara: Com dez anos, Ana tem pais separados, mora em duas casas: na casa número um, mora com sua mãe e sua avó materna e, na casa número dois, vivem apenas ela e o pai. Durante o projeto, sua participação

variou bastante, no começo estava interessada, mas com o passar do tempo foi demonstrando falta de atenção. *Tia, eu acho que não prestei atenção, gostei no começo e do filme.*

Anna Karolina: Com onze anos, Anna foi uma das crianças que mais participou, todos os dias tinha comentários sobre o que estávamos lendo. Ficou muito ansiosa e viu o filme antes de chegarmos ao capítulo cinco. *Não aguentei, vi que ia passar na TV e tive que ver.* Entretanto, não deixou de prestar atenção, sua fala constante foi *No filme não é assim!*, fazendo com que a turma todo o tempo pedisse que ficasse quieta.

Bruno: Com onze anos, Bruno usa um aparelho de surdez, ele escuta, mas o aparelho lhe ajuda a ouvir melhor, também sabe ler lábios, mas não fala a língua dos sinais. Foi quieto durante a maior parte do tempo, mesmo após a entrevista, não ficaram esclarecidas para mim suas ideias. *Foi legal, a parte do quadribol no filme foi a melhor parte.*

Caroliny: Com dez anos, Caroliny só pareceu prestar atenção no primeiro dia, porém demonstrou um pequeno arrependimento no dia da exibição do filme, estava perdida na estória, seus colegas estavam sempre comentando as diferenças. *Gostei mais do filme porque prestei muito mais atenção.* Então, no segundo livro prestou atenção todo o tempo e disse ter gostado muito mais do livro “Memórias de um cabo de vassoura” *Gostei que a vassoura era muito engraçada.*

Ciro: Com onze anos, Ciro mora com a mãe em Bonsucesso, e fez questão de ler o capítulo sobre o jogo de quadribol (esporte do mundo dos bruxos apresentado no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal). *Eu sinceramente achei muito bom porque fazia tempo que eu não lia um livro. Esses livros são muito bons eu gostei do projeto.*

Gabriela: Com onze anos, Gabriela mora com os pais e foi a única criança que não demonstrou nenhum interesse. Não gostava de sentar com a turma, diversos dias ficava com a cabeça baixa, não queria conversar comigo,

só dizia *Não quero prestar atenção*. Depois comentou que faltou ao dia da exibição do filme de propósito, suas respostas eram sempre curtas, não queria falar ou ouvir. *Minha participação foi péssima porque não prestei atenção em nada*.

Júlia: Com dez anos, Júlia, no primeiro dia, fez questão de contar que já havia viajado para Nova York e que participava de um projeto de artes em Manguinhos, onde morava. Leu todos os dias, interpretando as falas, mas no dia do filme não sabia nada sobre a estória. Estava lendo porque gostava de ler em voz alta, não estava assimilando o que lia, apenas reproduzindo. *Eu li todo dia. E gostei muito, nem todos os dias prestei atenção, mas adorei os dois, o filme e o livro*.

Kauã: Com doze anos, Kauã foi o aluno que mais participou, sempre que terminávamos a leitura do dia, ele vinha conversar e falava tudo que havia achado dos capítulos. No dia da exibição do filme, lembrava de diversos detalhes do livro que não estavam no filme, foi um dos poucos alunos que notou a falta de um personagem em cenas importantes *Eles tiraram o Neville, devem ter achado que ele não era muito importante, mas eu acho que ele é*. Também gostava de falar de quadrinhos e filmes. *Para ser sincero eu gostei mais do livro do que do filme. No livro tinha mais coisas que no filme*.

Lucas: Com onze anos, Lucas mora em Benfica com os pais. Leu todos os dias e no dia do filme demonstrou estar um pouco perdido no enredo da estória. *Li todos os dias, mas não prestei atenção nos outros*. Porém, em relação ao quadribol, sabia a cena toda e ficou indignado por ter apenas um jogo no filme, quando, no livro, há dois.

Marcos: Com nove anos, Marcos é o aluno mais jovem da turma, não falou praticamente nada durante todo o tempo que passei com eles. No primeiro dia, disse seu nome e só fui ouvir sua voz novamente no final, no dia das entrevistas, quando ele contou tudo que havíamos lido, ele se lembrava dos mínimos detalhes, feitiços, personagens, comidas típicas da estória. Foi

uma surpresa maravilhosa ver o entusiasmo dele com esse universo. *O projeto foi muito bom porque ele me ajudou a ler melhor e imaginar.*

Maria Luíza: Com dez anos, Maria Luíza foi muito participativa, leu bastante, sempre tinha um comentário a fazer e prestou muita atenção a todos os detalhes. *No filme Grifinória está escrito diferente do livro.* Ela teve a percepção de que o livro era uma tradução do inglês, então logo a escrita seria diferente, em português “Grifinória” e já em inglês “Gryffindor”.

Pedro Henrique: Com doze anos, Pedro foi quem sugeriu que lêssemos como segundo livro “Memórias de um cabo de vassoura”, porém sua participação foi variável, havia dias que estava muito interessado, fazia comentários, queria ler, porém havia dias em que ficava disperso, muito quieto. *No começo prestava atenção e corrigia os outros quando liam errado, muito o Lucas. No último dia não prestei atenção, só descobri o final no filme, mas o Kauã falou que é diferente.*

Sarah: Com dez anos, Sarah mora em Engenho da Rainha com a mãe, o padrasto, a avó e a irmã. Não quis ler nenhum dia, mas após as leituras sempre gostava de falar sobre o que havíamos lido e do filme que iria assistir no final de semana, principalmente de animações. *Eu acho que me participei bem porque prestei atenção no livro e no filme. E vi que tem várias coisas diferentes.*

Yan: Com onze anos, Yan deixou claro que gostava bastante de Harry Potter, já havia assistido a quatro filmes, mas não conhecia os livros. Leu quase todos os dias, mas quando não estava com vontade queria conversar com os colegas. No dia do filme, era um dos mais animados. *Tia Raffaele, eu não prestei atenção em todas as suas aulas, só em metade do livro. Mas eu gostei mais do livro, porque tem mais jogos de quadribol.*

3.1.1. – O caminhar do projeto

Quando cheguei à turma do quinto ano, eu achava que tinha tudo planejado, acreditava já saber de antemão como os dias se desenrolariam, que tudo seguiria o que eu havia previsto. E não poderia estar mais enganada. Logo no começo ocorreu o primeiro fato inesperado, a turma não concordou com um dos livros pré-selecionados. Todo o meu planejamento estava baseado naqueles dois livros, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” e “Percy Jackson e os Olimpianos – O ladrão de raios”, que tinham histórias parecidas, com realidades mágicas que se escondiam dentro do mundo real. Porém, os alunos não aceitaram o segundo livro, eu tentei explicar como o livro era diferente do filme, o principal motivador da rejeição, mas eles não mudaram de ideia. No momento, eu pensei em impor minha escolha inicial, mas isso discordaria com a ideia que lhes apresentei quando contei sobre o projeto, de que as opiniões deles seriam ouvidas. Assim, eu estaria calando as vozes desses educandos. Como apontam Oliveira e Paiva (2010),

No entanto, é preciso rever a postura do educador que se preocupa em formar leitores sem analisar profundamente para quem quer formar leitores. Essa revisão implicará, sem dúvida, na construção e uso de uma metodologia mais adequada para a formação do leitor literário, promovendo como práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, rompendo com atividades estereis de literatura, ou seja, que exigem o domínio das informações sobre a literatura ou impera a ideia que o importante é que o aluno leia, não importando o que, pois o que importa é prazer de ler. (OLIVEIRA e PAIVA, 2012, p. 31).

Naquele momento, senti que meu papel era respeitar a decisão dos alunos, já que um dos meus objetivos com o projeto era proporcionar o prazer da leitura, por meio de uma experiência que até então eles não haviam vivenciado dentro do ambiente da sala de aula.

Pensando agora, vejo que foi a decisão correta, acredito que um dos motivos que permitiram a realização desse projeto foi o relacionamento que estabeleci com os alunos. Eles sabiam que eu estava estudando para ser professora, me tratavam como uma, pediam permissão para ir ao banheiro e beber água, reclamavam uns dos outros quando os estavam incomodando ou atrapalhando, me chamavam da mesma forma como se referiam as suas próprias professoras: “tia”. Entretanto, senti que eles sentiam-se mais relaxados comigo, falavam o que pensavam sem se importarem muito com uma possível repreensão, principalmente quando as docentes responsáveis por eles saíam da sala.

Segundo Santos e Zinani (2008), para haver o sucesso do ensino da literatura dentro da sala de aula é preciso haver uma interação de trocas entre o professor e os alunos e a pesquisa-ação pode ser utilizada como um método de ensino.

Devido à necessidade de interação das experiências de leitura, através da socialização de vivências – diálogo entre professor e aluno –, considerasse que a pesquisa-ação pode ser uma modalidade de ensino de literatura apreciável, uma vez que pode promover ações que visem à emancipação de alunos e professores, partindo-se do pressuposto de que o processo educativo fundamenta-se no tripé ação/reflexão/ação. (SANTOS e ZINANI, 2008, p. 73).

Acredito que a realização desse projeto baseou-se neste tripé, sendo indispensável o diálogo entre todos os indivíduos participantes. Pelo que pude observar e ouvir dos alunos essa foi a primeira vez que eles tiveram essa liberdade de expressão. Há isso que acredito o fato de ter estabelecido um relacionamento com a turma, eles se sentiam em uma posição de igualdade, no qual as trocas eram bem vindas, eu estava ali para aprender com eles também e não só passar trabalhos.

Minhas partes favoritas durante a realização do projeto eram as conversas que tínhamos ao final de cada dia. Fizemos um acordo, meu horário era de 10h as 11h30min., mas eu não queria que eles ficassem entediados por ficarmos lendo o mesmo livro durante uma hora e meia. Sendo assim, propus que na primeira hora trabalharíamos com o livro e na meia hora final eles decidiriam o que seria feito. Eles não precisaram pensar muito, a concordância foi unânime.

O que era feito nessa meia hora final variava bastante. Houve dias em que a escolha foi por brincadeiras, como forca (com o nome dos personagens do livro), adedanha, falar sobre cinema - essa era a mais frequente -, nos dividirmos em grupos para cada um conversar sobre o que quisesse. E, para minha surpresa, quando estavam realmente envolvidos com o que estava acontecendo na estória do livro, escolhiam continuar a leitura até o final do tempo. Isso aconteceu nos capítulos sobre quando as personagens principais enfrentavam sua primeira aventura: lutar contra um monstro (um trasgo), nos capítulos sobre os jogos de quadribol, no capítulo sobre o Espelho de Ojesed e, no final, quando há o clímax do livro, o encontro entre o herói e o temido vilão.

Mudanças ocorreram durante todo o desenvolvimento do projeto, estava convivendo com pré-adolescentes, havia mudanças de humor: na segunda-feira, um deles poderia ser muito ativo, ler, comentar, discutir, mas na sexta-feira não dizer uma palavra durante todo nosso tempo juntos. Como aponta Tripp (2005) “a pesquisa-ação é participativa na medida em que inclui todos os que, de um modo ou outro, estão envolvidos nela e é colaborativa em seu modo de trabalhar” (TRIPP, 2005, p. 448). Ou seja, não havia como prever como seria cada dia, sempre haveria uma surpresa, realizamos um projeto conjuntamente com diferentes personalidades expondo e defendendo suas ideias, cada dia foi único.

No primeiro momento, todos demonstraram bastante empolgação, estavam compartilhando suas ideias e expectativas. O ritmo de leitura foi estipulado por eles, cada um lia uma página e passaria para o próximo, o mesmo aluno poderia ler mais de uma vez por dia, mas somente se todos que desejassem ler já tivessem tido sua oportunidade.

Marcos, Sarah e Bruno foram os únicos que não quiseram ler nenhuma vez, mas, durante as conversas individuais, descobri que Marcos foi um dos alunos que mais se envolveu com as histórias lidas. Por outro lado, alguns alunos foram se tornando menos participativos, Carolinny, no primeiro dia, foi uma das crianças que mais falou, porém durante as leituras se mostrou muito dispersa. Já durante a leitura do segundo livro, mudou de postura, voltando a ser muito participativa, pois durante a exibição do filme ela havia ficado perdida na trama, não entendia os comentários dos colegas. Sentindo-se isolada, decidiu-se tornar mais ativa e participante.

Mas essa não foi a realidade do comportamento da turma durante o trabalho com o livro “Memórias de um cabo de Vassoura”, uma vez que eles não se prenderam tanto a história. Quando pensei o projeto, originalmente, havia escolhido como segundo livro para lermos “Percy Jackson e o Ladrão de Raios”, que também conta sobre um mundo diferente da realidade, inspirado na mitologia grega, mas ele foi rejeitado pela turma. Em seu lugar a turma escolheu ler “Memórias de um cabo de Vassoura”, porém imaginei que seu envolvimento não seria igual como foi com “Harry Potter”, pois é um livro mais simples, há algumas ilustrações e menor. A turma teve uma participação muito contida, não houve envolvimento com a história.

Com “Harry Potter”, o clima na sala era de animação, a todo o tempo havia comentários, debates, demonstravam expectativa para com os próximos capítulos a serem lidos, infelizmente, com o segundo livro não foi assim. Kauã, Anna Carolina, Marcos e Maria Luiza foram os únicos a manterem uma trajetória contínua de participação, com ambos os livros e o filme. Esse traço de Marcos só apareceu na entrevista, pois ele praticamente não falava no grupo, mas os outros três sempre se fizeram presentes, defendendo suas ideias e buscando gerar novas conversas sobre os livros, mesmo na meia hora livre no final de cada dia.

Não havia como prever como seria o comportamento de todos os alunos, logo no começo concordamos que transformaríamos a sala de aula, enquanto estivéssemos juntos, em um ambiente que preza pela liberdade de pensamento. Como aponta Tripp (2005) “a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais não manipulados, ela não segue os cânones de variáveis controladas comuns à pesquisa científica, de modo que pode ser chamada mais geralmente de intervencionista do que mais estritamente experimental.” (TRIPP, 2005, p. 448), logo a metodologia da pesquisa-ação permite a espontaneidade e a liberdade, fatores essenciais para a realização desse projeto.

O desenvolvimento do projeto fluiu de acordo com as escolhas feitas pela turma e pelo envolvimento de cada um dos alunos, houve dias de muitas discussões, muita leitura, chegamos a ler três capítulos em um dia, mas também houve dias de distração e conversas paralelas. Foi uma experiência baseada no comprometimento, na espontaneidade e na sinceridade demonstrada pelos alunos durante os dois meses que passamos juntos.

3.2 – UM MOMENTO: O ESPELHO DE OJESED

Durante os dois meses da realização do projeto, os alunos foram se abrindo, compartilhando suas ideias, interpretações e falando até sobre suas vidas, mas não todos. Então, decidi que, no momento das conversas individuais, gostaria de saber um pouco sobre cada um deles, porém sem intimidá-los. Decidi, assim, utilizar como referência um objeto mágico de um dos livros que lemos e que chamou muito a atenção de toda a turma e gerou

diversas conversas. Por meio dele, as crianças se abriram, pude entender um pouco mais da postura de algumas delas e me confundi sobre as de outras. Foi um momento de descobertas e trocas.

O Espelho de Ojesed é um objeto mágico apresentado no primeiro livro da saga Harry Potter, “Harry Potter e a Pedra filosofal”, escrito pela autora J.K.Rowling. No livro, sua função é descrita assim:

O homem mais feliz do mundo poderia usar o Espelho de Ojesed como um espelho normal, ou seja, ele olharia e se veria exatamente como é. Isso ajuda a pensar? (...). Mostra-nos nada mais nem nada menos que o desejo mais íntimo, mais desesperado de nossos corações. (ROWLING, 2000, p.156)

Quando terminamos de ler o capítulo doze, intitulado “Espelho de Ojesed”, Anna fez um comentário que me intrigou. *Eu me veria muito mais bonita, com cabelo liso.* Comentário que gerou uma resposta de Kauã, *Você não entendeu, tem que ser a coisa que você mais quer na vida toda, algo importante, superimportante. Tipo, o Harry viu os pais, isso que é importante. Não o cabelo.* Então, teve início um pequeno debate sobre o que o espelho deve mostrar, sobre o que seria realmente importante, e eles acabaram concluindo que aquilo que vale mais profundamente no coração muda de indivíduo para indivíduo.

Como Freire nos aponta, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, “Diálogo é uma exigência existencial (...) não se pode reduzir a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (FREIRE, 1987, p. 79). Durante todo o desenrolar do projeto, busquei estabelecer um ambiente de liberdade dentro da sala, minha intenção foi permitir que os educandos se sentissem seguros para expressar seus pensamentos, que as trocas não fossem superficiais, mas sim que gerassem um debate, uma reflexão.

Um dos principais papéis da educação escolar é que através dela são possíveis transformações sociais, sendo indispensável oferecer os instrumentos necessários para que haja um desenvolvimento pessoal de cada um dos educandos. O debate que ocorreu na sala de aula, que surgiu por meio da leitura de um livro de ficção, abrange esse objetivo. Os alunos acabaram realizando um exercício de conscientização sobre respeito ao próximo. A cena que se desenrolou em sala exemplifica a citação de Lajolo (2000):

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2000, p. 106).

Os alunos exerceram sua cidadania durante este debate, suas próprias vivências influenciaram nas suas interpretações sobre a cena. A leitura fez com que a turma, em conjunto, construísse uma reflexão sobre o papel do objeto mágico dentro do contexto de vida do personagem, Harry, e assim acabaram por pensar em seus desejos e se sentiram seguros para expressá-los e dividir suas inquietações e dúvidas com a turma.

As reações dos alunos no decorrer de todo o projeto demonstram o valor da leitura literária dentro do ambiente educacional, sendo uma peça fundamental do currículo escolar. Essa faceta do desenrolar deste trabalho apresenta e fortifica a capacidade dos educandos de projetarem suas próprias experiências nas histórias que leem.

A partir desse dia, o Espelho de Ojesed continuou a aparecer em nossas conversas, então, enxerguei uma possibilidade de conhecer um pouco mais as crianças. Combinamos que, quando terminássemos a leitura dos dois livros teríamos entrevistas, eu conversaria com cada um individualmente. Não queria assustá-los com perguntas muito pessoais, que fizessem com que se sentissem intimidados, especialmente os alunos mais tímidos, pois, se eles já não falavam muito com a presença de seus colegas de turmas, imaginei que sozinhos poderiam, talvez, se inibirem ainda mais.

Assim, decidi que uma das perguntas seria sobre qual imagem eles veriam refletida no Espelho de Ojesed e o que fariam para torná-la realidade. Acredito que foi uma forma de descobrir sobre suas ambições e desejos, se estes refletiam as personalidades que apresentavam dentro da sala em grupo. E o resultado não poderia ter sido mais surpreendente.

Bruno, Ciro, Marcos e Yan se veriam como jogadores de futebol, os três contaram que sabem que acham que para ser atleta é preciso muita dedicação. Afirmaram que estudarão muito, Yan quer aprender outras línguas. *Sei que tenho que estudar, saber inglês e espanhol, inglês para viajar e espanhol para*

jogar no Real Madrid. Também expressaram o desejo de ganhar dinheiro para ajudarem suas famílias, Marcos afirmou Vou ser rico e minha mãe não vai mais ter que trabalhar muito, ela fica muito cansada, vou ajudar ela.

Anna Clara e Anna Karolina veriam imagens relacionadas a parentes, foram às únicas que mencionaram a família como ponto central de seus desejos. Os pais de Anna Clara são divorciados. *Eu queria ver minha família reunida, não lembro deles juntos. Tipo o que o Harry viu no espelho também, sei que não dá pra acontecer, mas eu queria isso.* Já Anna Karolina: *Eu me veria com a minha avó. Eu e ela brincando no balanço e comendo e dormindo, tipo dia das meninas, o dia todo. Seria o dia mais feliz.*

As visões de Kauã e Pedro Henrique são parecidas, os dois se veriam com mulheres bonitas e ricos, mas Kauã pensa em estudar e ser médico para alcançar sua visão. *Eu me veria rico com muitas mulheres, para isso vou estudar muito e virar doutor.* Foi uma das respostas que mais me surpreendeu, pelas conversas que tive com ele e sua postura doce nunca imaginaria que sua visão envolveria “muitas mulheres”.

Maria Luiza também deseja ser médica, pediatra, mas por motivos bem diferentes. *Minha visão meio que já acontece mais um pouco diferente. Eu fico o dia todo aqui na escola e durante as tardes todas as turmas ficam juntas, aí eu ajudo a Tia Kíria com os pequenos. Aí a diferença é que na minha imagem eu já sou grande e pediatra. É parecido, a diferença é que na visão eu ganho dinheiro e posso cuidar quando as crianças ficam doentes.*

Caroliny, Júlia e Sarah possuem o desejo de estar em outro país. Júlia era a única da turma que já tinha feito uma viagem internacional, acredito que compartilhar sua experiência instigou as outras meninas. Caroliny e Sarah afirmaram se verem em Nova York, contaram sobre como Júlia se divertiu e que gostariam de vivenciar o mesmo.

Lucas teria uma visão cheia de elementos e criativa. *Eu nadando em dinheiro com minha mãe, minhas irmãs, meu irmão, minha tia, meu primo, meu tio Vinícius. Com um helicóptero jogando suco de caju, guaravita e salgados. Aí eu vou achar um trevo de quatro folhas e levar toda minha família para morar em uma mansão grande.* Admito que foi uma das minhas repostas favoritas, reflete tanta criatividade e esperança, enquanto ele contava demonstrava um entusiasmo contagiante.

Mas a visão que mais me surpreendeu foi a de Gabriela, pois durante todo o projeto, ela ficou afastada e, no momento da entrevista, sua postura foi a mesma: suas respostas variavam entre não prestei atenção, não vi e não ouvi, mas ela respondeu assim: *Eu me veria ajudando em um orfanato, vou estudar muito para um dia poder ajudar o próximo.* E não quis falar mais nada, tentei entender o porquê desse desejo, mas não fui correspondida. *Já respondi tudo, posso ir?* Até agora não entendo a postura dela, infelizmente.

Quatorze imagens refletidas no Espelho de Ojesed, algumas com semelhanças, mas todas únicas. Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando (LAJOLO, 2000).

3.3 – “O QUE ACHOU DO PROJETO?”

O ponto alto da realização do projeto, para mim, como pesquisadora, foi o momento das conversas individuais. Quando falei sobre isso, inicialmente, eles acharam que seria como uma prova oral, com perguntas específicas sobre as tramas dos livros e que valeria nota, alguns, que não haviam prestado atenção demonstraram grande preocupação. Caroliny ficou bem nervosa. *Você disse que não ia ter trabalho, nem prova, nem nota, que era como a gente quisesse isso foi mentira?* Expliquei que não havia mentido, não seria uma prova, muito menos valeria alguma pontuação. Apenas gostaria de conversar um pouco com cada um deles para poder conhecê-los melhor, assegurei que as perguntas seriam sobre eles, gostaria de ouvir suas ideias.

Graças à turma do quinto ano que este trabalhou foi possível, essa experiência foi tanto deles quanto minha, sendo assim acho justo deixar registrado as principais falas, ou seja, impressões de cada um deles.

Anna Clara

Vou ser sincera, eu gostei muito mais do Harry Potter do que do cabo de vassoura, não entendi muito porque o cabo era um cavalo, sei que é um tipo de brinquedo, mas tudo bem. Gostei muito do mais do livro do Harry do que do filme, por exemplo, não sabia que Harry via os pais no espelho mágico.

Anna Karolina

Eu gostei muito de ler esses livros, porque a gente só lia livro pequeno. Gostei muito de Harry Potter, do filme e do livro, mais do livro. No livro o Duda, primo do Harry Potter, aparece mais e é engraçado quando ele ganha um rabo de porco. O da vassoura também é bom, porque fala das árvores, o que é importante.

Bruno

Às vezes era difícil ouvir com todo mundo falando, mas eu gostei. Gostei mais do cabo de vassoura, porque ele era engraçado. Do Harry Potter a parte mais legal foi o quadribol, mas gostei mais no filme, porque no livro eu não consegui imaginar muito bem, achei maneiro as vassouras voando, nos dois livros as vassouras são importantes.

Caroliny

Achei bem legal o projeto, eu sei que não prestei muita atenção no primeiro livro, mas gostei bastante da Hermione, porque ela é muito inteligente e estava sempre salvando o Harry e o Rony. Gostei mais do cabo de vassoura, porque prestei atenção nele todo e achei engraçado, mas o melhor foi quando ele virou brinquedo.

Ciro

Eu sinceramente achei muito bom porque fazia muito tempo que eu não lia um livro. Esses livros são muito bons, eu gostei do projeto. Eu gostei bem mais do livro que do filme do Harry, porque tem muito mais coisas, muito mais emocionante. Melhor parte foi o quadribol, eu li toda essa parte do livro pra turma e achei parecido com o futebol americano.

Gabriela

Eu só prestei atenção em um dia, que foi do jogo, não sei o nome, mas foi meio legal. Não quis vir no dia do filme, faltei porque acho chato. O da vassoura não entendi nada, foi chato. Não participei de nada, então não sei, mas o pessoal achou legal, eu não.

Júlia

Eu achei muito bom, mesmo você não ainda não tendo o papel professora você é uma boa, foi legal, durou bastante tempo. Eu gostei mais de ler, li todos os dias, nos dois livros. Gostei mais do Harry Potter, porque apesar de eu não conhecer desenvolveu mais minha mente e conheci a vida do Harry, talvez um dia eu leia de novo e os outros livros também. E quero ver os filmes também, vou procurar no Netflix.

Kauã

Eu achei o projeto “Aventuras literárias” muito interessante porque é uma coisa bem diferente que eu nunca vi em nenhuma outra escola que eu estudei e dos meus amigos também. Eu contei pra minha mãe e ela disse que quando ela estava na escola não tinha isso. O Harry Potter foi todo incrível, o melhor foi o quadribol. E no cabo de vassoura quando ele virou um cavalo de madeira, ensina que qualquer coisa pode ser um brinquedo.

Lucas

Eu achei legal o projeto, durou muito tempo e foi maneiro. E até o filme foi legal, mas o projeto foi bem bom porque melhorou a minha leitura, porque eu pude ler todos os dias. Essa é a melhor parte pra mim, poder melhorar em uma coisa que eu gosto muito.

Marcos

Esse projeto fez com que eu usasse minha imaginação, eu não tinha visto o filme, não conhecia, então quando você lia eu conseguia ver as coisas na minha cabeça, mas quando os outros liam era mais difícil. Gostei mais do Harry Potter, porque tem aventura, ação e as comidas são diferentes, quero tomar suco de abóbora. Gostei mais do livro, porque nele o tio dele vai buscar na estação quando ele vai embora da escola de magia e no filme ele volta sozinho e também o Neville aparece muito no livro, mas no filme não. Gostei que o cabo de vassoura se despediu quando foi embora dizendo que ia ensinar japonês para os brinquedos da casa nova.

Maria Luíza

O projeto foi ótimo e muito legal. Muito interativo, ler e poder falar o que quisesse você deixa a gente falar, o que é muito legal. Os dois livros são maravilhosos, e acho que a vassoura tem magia também, porque mostra que a vassoura e as outras coisas têm sentimentos, isso é magia. Gostei bem mais dos livros que do filme, no livro do Harry tem mais inspiração, de seguir as coisas que você quer.

Pedro Henrique

O trabalho foi legal porque me ensinou a gostar mais de ler e ter mais vontade de ver mais filmes, porque agora sei que eles podem ser muito diferentes, é bom saber dos dois. Mas eu ainda gosto mais de ver o filme, tem mais ação. O Harry Potter e a vassoura são diferentes, mas tem coisas parecidas, tem aventura e tem comédia, mas tem mais comédia no da vassoura.

Sarah

O projeto foi muito legal, porque teve dois livros e um filme bom. Nós conversamos muito, brincamos e conseguimos ler dois livros, acho que eu nunca tinha lido um livro grande desses, só uns pequenos que tem desenhos, mas o da vassoura também tinha alguns desenhos, mas ainda era diferente dos que eu conhecia. Eu gostei mais do filme, quando as cartas invadiram a casa e na parte que ele vê os pais dele no espelho, fiquei com pena, porque ele nunca tinha visto eles, mas sei que no livro é diferente, porque ele vê uma família enorme, com avós, tios, primos. Eu sei que é diferente, porque lemos o livro antes de ver o filme, o que ajudou a entender melhor.

Yan

Eu pensei que ia ficar chato só ler, no começo foi bem legal, mas tinha dia que dava preguiça. Eu gostei de ler pra todo mundo. O melhor foi o Harry Potter porque eu já conheço e sou fã. Agora eu li o livro e talvez alguma hora, quando for maior, e não quiser brincar tanto eu posso ler os outros. O da vassoura eu não gostei, achei estranho. Mas eu passei a gostar ainda mais de Harry Potter, porque aprendi coisas que não sabia antes.

As impressões expressas pelos alunos representam como, por meio da metodologia da pesquisa-ação, ocorreram mudanças significativas nos membros participantes desta experiência. Não apenas no quesito de apreciação literária, mas, também, passaram a transmitir maior confiança para expressarem seus pensamentos, se tornaram mais seguros de se expressarem dentro do grupo, tornando-se independentes para iniciarem, desenvolverem e concluírem debates, pois como apontam Oliveira e Paiva (2010):

Não seria possível, somente por meio dos livros, alcançarem um bom desenvolvimento do pensamento do leitor e assim, garantir condições para mobilidade social do aluno. Para que haja êxito no processo de formação de leitor, o educador deve ter clareza de sua metodologia com a literatura em sala de aula, despertar questionamentos e promover a construção de novos significados. (OLIVEIRA e PAIVA, 2010, p.9).

A pesquisa-ação possibilitou que a experiência se desenvolvesse de forma espontânea, tornando possível que tanto eu, quanto pesquisadora, e os educandos, no papel de membros ativos da comunidade pesquisada, a sala de aula do quinto ano, fossem influenciados e transformados pelos momentos que compartilhamos. Como afirma Tripp (2005), é importante não encarar a pesquisa-ação como uma estratégia totalmente nova, mas como mais um recurso para turbinar, acelerar nosso modo habitual de aprender com a experiência.

As entrevistas foram um dos fatos que me mostraram que este projeto possibilitou a transformação desses estudantes em leitores. Pensei que as crianças que falavam pouco, como Marcos, Sarah e Bruno, estavam um pouco inibidos pelas vozes mais altas do resto da turma, por isso não sabia qual estava sendo o efeito da experiência sobre eles, principalmente Marcos. Porém durante nossa conversa, ele foi uma das crianças que mais falou, havia prestado máxima atenção em todos os detalhes, apontou inúmeras diferenças entre o livro e o filme “Harry Potter”, conversou sobre feitiços e os livros seguintes da saga. Afirmou que lia os outros livros. *Quero saber o final, as coisas vão mudar muito porque eles crescem.* Também contou que havia pesquisado e descoberto um parque temático nos Estados Unidos sobre a série e que um dia gostaria de conhecê-lo. Acredito que tudo valeu a pena só pelo entusiasmo que este menino demonstrou, ele realmente se envolveu.

Júlia contou que estava lendo “A culpa é das estrelas” e o trouxe no dia da entrevista, disse que havia gostado muito do filme, então ficou curiosa para ler o livro. *O Harry era diferente, esse deve ser também, já vi que o começo é diferente.* Caroliny e Sarah trouxeram “O pequeno príncipe”, Caroliny afirmou que era um livro pequeno, então poderia ler mais rápido. Já Sarah comentou que havia figuras e texto, e a agradava quando havia os dois, ainda se sentia um pouco insegura quando havia apenas texto.

Kauã quase todos os dias gostava de conversar sobre filmes de super-heróis, durante o desenvolvimento do projeto estrearam alguns filmes deste gênero, Kauã sempre comprava os ingressos com antecedência e os assistia no dia da estreia. Um dia ele me surpreendeu a contar que gostaria de ler os quadrinhos, pois estes também deveriam ser diferentes dos filmes, assim como os livros. *Eu fui na livraria e ganhei o gibi da “Guerra Civil”, agora eu vou ler antes do filme, aí vou saber o que vai acontecer. Vou poder contar pro meu pai o que for diferente.*

A percepção dos alunos sobre essa experiência foi a melhor parte desse projeto. Saber que de alguma forma eles acompanharam as estórias com quais tivemos contado e exploraram sua capacidade crítica de elaborar suas próprias interpretações, sem serem pressionados por questões como provas, trabalhos e notas, representa um grande avanço, pois eles participaram por prazer, não obrigação.

CONCLUSÃO

A leitura é um dos meios que permite aos estudantes vislumbrarem novos horizontes, adquirirem autonomia e descobrirem, sobretudo, a essência de ser. (Andréia Arruda, Shirlen Lopes e Silvana Schornobay)

Ao longo desse texto procurei refletir, por meio da minha experiência com o projeto “Aventuras literárias”, sobre como os livros da literatura infanto-juvenil podem ser utilizados dentro das salas de aula, de modo a contribuir para

a formação dos educandos como leitores literários, deixando de lado a associação já construída entre a obrigação e os livros no espaço escolar.

Meu intuito ao redigir esta monografia, sobre um projeto prático de incentivo à leitura, era desmistificar a ideia de que os alunos não devem participar das escolhas feitas sobre sua educação, suas vozes precisam ser ouvidas, e que eles podem ser grandes aliados dos docentes, especialmente quando os livros são protagonizados por personagens com a mesma faixa etária dos alunos, o que permite maiores possibilidades de identificação entre leitores e livros, já que os personagens podem estar passando por situações típicas da idade dos leitores.

Um dos papéis da educação é possibilitar o crescimento do capital cultural dos alunos. A leitura do texto literário é um dos instrumentos que possibilitam esse desenvolvimento. Trabalhar diferentes livros possibilita com que tenham contado com as variadas visões expostas pelos autores desses livros, uma vez que “a leitura contribui para a formação de seres pensantes e criativos, pois suscita conhecimentos que ajudam a compreender o mundo, proporcionando crescimento interior e a vivência de diferentes emoções.” (ARRUDA, LOPES e SCHORNOBAY, 2014, p.5).

Com base nesse cruzamento de ideias, um dos meus objetivos ao idealizar esse projeto, e ao escolher a metodologia da pesquisa-ação, era relatar o empoderamento dos educandos em função dos saberes desenvolvidos por eles durante o desenvolvimento do projeto e da oportunidade de poderem manifestar esses saberes em sala de aula. Pude acompanhar o crescimento desses alunos dentro da sala de aula ao receberem a oportunidade de fazer suas próprias escolhas e de expressarem suas opiniões para a toda a turma. A troca de ideias entre todos eles possibilitou que realizassem debates e chegassem a conclusões conjuntas. Foram conversas que surgiram espontaneamente, um deles fazia algum comentário, outro respondia, e então estavam expressando suas ideias e questionando-se sobre o porquê das dos demais. No começo eles se interrompiam, mas com o passar do tempo foram modificando suas posturas, esperando a fala do colega terminar para então apresentar sua opinião e defender seu posicionamento.

Toda essa experiência foi enriquecedora, espero que também tenha sido para os alunos que a compartilharam comigo e a tornaram única. Torço para

que eles continuem a explorar o mundo da literatura, buscando conhecer novas realidades e personagens. E para aqueles que não acharam tão empolgante, espero que não desistam de continuar a procurar um livro que abra sua imaginação e instigue sua curiosidade. Pude aprender que na sala de aula tudo pode acontecer, por mais preparada que eu pensasse que estivesse fui pega de surpresa inúmeras vezes. E foi exatamente essa irregularidade que fez com que esse projeto fosse exatamente o que faltava para encerrar minha jornada na graduação em Pedagogia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBURQUEQUE, C. F.; GERHARDT, A.F.L.M. e SILVA, I.S. *A cognição situada e o conhecimento prévio em leitura e ensino*. Ciências e Cognição, vol 14, 2009.
- ARRUDA, A. M.; LOPES, S. R. e SCHORNOBAY, S. R. *O mundo encantado da literatura infantil*. 2009.
- BONICI, S. C. *O fantástico, o maravilhoso e o estranho nos filmes de Woody Allen*. Escola de Comunicação e Artes da USP. 2013.
- CURIA, D. F. S. *A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula*. Revista Thema, 2012.
- FERNANDES, H. M. *A Literatura infantil através dos tempos (parte v)*. 2008.
- FLECK, G. F. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor. *Língua e Literatura*, v. 10, n. 14, p.13-17, jul 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 44 ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.
- GERALDI, J. W. *Prática de Leitura na Escola* In: O texto na sala de aula. 4 ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- GOMES, C. *Literatura Infantil*. InfoEscola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil/>> Acesso em 22 de mai. 2016.
- LAJOLO, M. *Literatura Infantil (1880-1910)*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/ate18801.htm>> Acesso em 22 de mai. 2016.
- LAJOLO, M. *A leitura literária na escola*. In Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, M. *Tecendo a leitura*. In Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LESSA, O. *Memórias de um cabo de vassoura*. 45 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

OLIVEIRA, A. A. e PAIVA, S. C. F. A literatura infantil no processo de formação do leitor. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan - jun. 2010.

OLIVEIRA, M. A. G. e SANTOS, P. F. P. A literatura infantil na educação infantil. *Revista Científica do ITPAC*, Araguaína, v.5, n.2, Pub.5, Abril 2012.

PARO, V. *Gestão escolar, democracia e qualidade de ensino*. São Paulo: Ática, 2007.

PIMENTA, S. e FRANCO, M. *Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, S. R. P. e ZINANI, C. J. A Leitura e literatura: pesquisa em sala de aula, uma alternativa metodológica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 71-74, abr./jun. 2008.

SILVA, A. *A roda de conversa e sua importância na sala de aula*. 2012.

SOUZA, M. C. *Práticas de leitura no espaço escolar: (im)posição do docente e a formação discente*.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n.3, p.443-466, set/dez. 2005.

ANEXOS

Anexo 1 – Perguntas da entrevista.

- Onde e com que você vive?
- Qual livro você mais gostou? Por quê?
- O que você achou de cada livro?
- Sobre Harry Potter: gostou mais do livro ou do filme?
- Quais diferenças notou entre os dois?
- Qual sua opinião sobre o projeto?
- Como foi a sua participação?
- Que imagem você veria refletida no Espelho de Ojosed?

Anexo 2 – Carta de conclusão do projeto elaborada pelo Colégio N.A.B.E.

ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO SANTA CRUZ
Reg. 1756-35 - MEC



Escola Técnica de Comércio Santa Cruz
Nova Associação Brasileira de Ensino – Colégio NABE
84 Anos Educando com Amor

Rua Uranos, 529/533 e Rua Piancó, 18 Tel: 2560-3649 Fax: 3888-8100
Portaria Ministerial 172 de 06/07/1996 Educação Infantil/Ensino Fundamental
Portaria Ministerial 1756 de 28/03/1935 Ensino Médio/Educação de Jovens e Adultos
Ato Autorizativo do C.F.E.T. 232-81 D. O. 17/06/1981

DECLARAÇÃO

Declaramos, para fins de comprovação, que RAFFAELLE ALONSO PEREIRA, universitária da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com matrícula de número 20121352511, idealizou e ministrou o projeto de leitura "Aventuras Literárias", com a turma do quinto ano do ensino fundamental no Colégio N.A.B.E., no período de 29 de fevereiro de 2016 à 06 de maio de 2016.///////

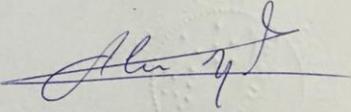
Rio de Janeiro, 10 de maio de 2016.

33.673708/0001-62

00 692.379 INS. MUN.

ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO SANTA CRUZ MANTIDA PELA NOVA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO NABE LTDA.

Rua Uranos, 533
Bonsucesso - CEP 21000-070
RIO DE JANEIRO - RJ



Dr. Aliomar Kerminio Pereira Neto
Diretor - Reg. 9400802 MEC